



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**



FERNANDA RAMOS LACERDA

**DA FEIRA “TANTO EU TRAIS COMO EU LEVO”
LUGAR DE SABERES E FAZERES EM VITÓRIA DA CONQUISTA – BA.**

Vitória da Conquista – BA
2019

FERNANDA RAMOS LACERDA

**DA FEIRA “TANTO EU TRAIS COMO EU LEVO”
LUGAR DE SABERES E FAZERES EM VITÓRIA DA CONQUISTA – BA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGeo/UESB), como requisito final para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Produção do espaço geográfico.
Linha de pesquisa: Produção dos espaços urbanos e rurais.

Orientadora: Prof^a. D. Sc. Geisa Flores Mendes

Vitória da Conquista – BA,
2019



Esta dissertação de mestrado está sobre os termos do Creative Commons

L136d

Lacerda, Fernanda Ramos.

Da feira “tanto eu trais como eu levo” lugares de saberes e fazeres em
Vitória da Conquista - Ba. / Fernanda Ramos Lacerda, 2019.

146f. ; il. (algumas color.)

Orientador (a): D.Sc. Geisa Flores Mendes.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,
Programa de
Pós-Graduação em Geografia - PPGeo, Vitória da Conquista, 2019.

Inclui referência F. 136 – 140.

1. Memória social – Feira livre – Vitória da Conquista. 2. Representações sociais da .
Cidade – Espaço – Lugar. 3. Feira. I. Mendes, Geisa Flores. II. Universidade Estadual do
Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGeo. T. III.

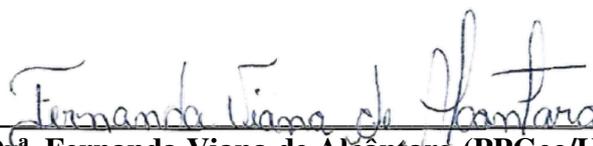
FERNANDA RAMOS LACERDA

**DA FEIRA “TANTO EU TRAIS COMO EU LEVO”
LUGAR DE SABERES E FAZERES EM VITÓRIA DA CONQUISTA – BA.**

BANCA EXAMINADORA



**Prof^ª. Dr^ª. Geisa Flores Mendes (PPGeo/UESB)
Orientadora**



**Prof^ª. Dr^ª. Fernanda Viana de Alcântara (PPGeo/UESB)
Examinadora interna**



**Prof^ª. Dr^ª. Sônia de Souza Mendonça Menezes (PPGeo/UFS)
Examinadora externa**

Vitória da Conquista, março de 2019.

*Ao meu lugar no mundo...
Família.*

AGRADECIMENTOS

A realização de um sonho é o momento que mais queremos compartilhar, mas é, sobretudo, o momento que mais precisamos agradecer. Por ter muitas pessoas que sonham comigo, nesse momento preciso ser grata a quem caminhou ao meu lado.

À Geisa, minha orientadora, toda a gratidão pela amizade, confiança, incentivo, dedicação, respeito, bilhetinhos, alegrias e memórias compartilhadas. O caminho é muito mais abençoado ao seu lado!

À minha família, por toda a compreensão e apoio ao cuidar de Amelie e de mim, para que eu pudesse iniciar a pesquisa e continuar estudando.

À Amelie, minha filha, gratidão pelo denço, pelo colo, pela alegria e leveza, pelos abraços apertados e pelas perguntas inusitadas!

À Luísa, minha sobrinha, toda gratidão por me inspirar a ser seu exemplo.

Ao Alberto, pai de Amelie, gratidão pelo cuidado e amor dedicados a ela nas minhas ausências e por todo compartilhamento de experiências na caminhada.

À Nádia, minha companheira de viagens e estudo, gratidão pelas conversas, pelas experiências trocadas e pelos abraços!

À Minéia, gratidão pelo primeiro encontro estranho que se transformou numa amizade deliciosa e feliz!

Aos amigos que ganhei, Acssuel, Vagner, João Ernandes, Matheus e Wanderson gratidão pelo apoio nas horas de desespero, mas principalmente, gratidão pelos forrós e pelas risadas!

À Débora e Patrícia, companheiras de pesquisa, gratidão pelas ajudas na compreensão de tantos temas, pelas leituras, e pelos afetos.

À Suzala, gratidão por sempre acreditar em mim.

À Marília, gratidão por não me deixar desistir.

À Marielle, gratidão por compreender minhas ausências.

À Adelaide pela amizade e os passeios na feira.

À Soleane por compartilhar as dores e as alegrias de um mestrado.

À Patrícia, Manuella e Ana Carla gratidão pelos cafés de domingo e pelo a| compartilhado todos os dias.

À minha turma e à primeira turma do mestrado, gratidão por servirem de modelo fotográfico para mim! Vocês me proporcionaram um aperfeiçoamento no olhar sobre a fotografia, mas principalmente apuraram meu olhar sobre a amizade.

Ao grupo de estudos NUAMSE, gratidão pelas tardes maravilhosas de aprendizado e leveza.

Gratidão à professora Sônia Menezes pelo acolhimento e aprendizado em todas as observações feitas no exame de qualificação.

Gratidão à professora Fernanda Alcântara, por me inspirar a ser forte sem perder a ternura.

Gratidão aos professores, Ana Emília, Nerêida, Andrecksá, Espedito, Jânio Santos, Miriam Cléa, Mario Rubem, Suzane, Meirilane, Edivaldo e Altemar, pelas lembranças e pelas novas memórias construídas.

Gratidão à Janaína, que sempre se mostrou disposta a ajudar.

Por fim, gratidão a grande presença divina em minha vida, pelas bênçãos e pelos sonhos realizados.

RESUMO

A pesquisa teve o propósito de analisar a configuração do lugar feira por meio dos saberes e fazeres presentes na memória social dos fregueses e feirantes em Vitória da Conquista, Bahia. Para tanto, buscou-se a aproximação teórica entre os conceitos de lugar, memória social e feira com o suporte dos estudos de autores como Santos (1996), Massey (2000; 2008) e Relf (1976) que embasam a análise da categoria Lugar; Halbwachs (1993), Nora (1990) e Pollak (1992) se constituem nos principais autores para a abordagem da Memória social; Vedana (2004) Almeida (2009), Costa (2016) Wille e Menashe (2015) apresentam o suporte para a discussão das Feiras-livres; também foi imprescindível a contribuição de Certeau (2013) para embasar a discussão sobre os saberes e fazeres. Para viabilizar a presente pesquisa foram executados procedimentos metodológicos que incluíram visitas e pesquisa documental ao Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista com o objetivo de levantar fontes referentes as feiras da Ceasa, do Bairro Brasil e da Patagônia, além de um levantamento histórico bibliográfico que serviu como base para a compreensão do processo de formação das feiras, sobretudo na cidade de Vitória da Conquista. Na pesquisa exploratória foram realizadas entrevistas preliminares associadas a fotografias, para analisar a feira como lugar de memória por meio das narrativas de alguns feirantes e fregueses. Para identificar as relações de sociabilidade e o saber fazer que se manifestam no lugar foram feitas observações no cotidiano que permitiram identificar rugosidades. Assim, a pesquisa demonstrou que a memória social dos fregueses e feirantes é marcada por saberes e fazeres que são apreendidos em quadros sociais da memória e faz com que cada uma das feiras analisadas apresente uma dinamicidade própria que caracteriza resistência e fortalece o sentido de lugar.

Palavras-chave: Feira. Lugar. Memória Social.

ABSTRACT

The research had the purpose of analyzing the configuration of the fair place by means of the knowledges and practices present in the social memory of customers and marketers in Vitória da Conquista, Bahia. For this, the theoretical approach between the concepts of place, social memory and market was sought with the support of the studies of authors like Santos (1996), Massey (2000; 2008) and Relf (1976) that base the analysis of the category Place; Halbwachs (1993), Nora (1990) e Pollak (1992) are the main authors for the social memory approach; Vedana (2004) Almeida (2009), Costa (2016) Wille e Menashe (2015) present the support for the discussion of Free Trade Fairs; it was also essential the contribution of Certeau (2013) to base the discussion of knowledges and practices in the fair. In order to make this research feasible, methodological procedures were carried out, which included documentary research and visits to the Municipal Public Archive of Vitoria da Conquista, with the objective of raise sources refeirring to fairs of Ceasa, of Bairro Brasil and Patagonia, as well as a historical bibliographical survey that served as basis for understanding the process of formation of fairs, especially in the city of Vitoria da Conquista. In the exploratory research were conducted preliminary interviews associated with photographs, to analyze the fair as a place of memory through the narratives of some marketers and customers. In order to identify the relations of sociability and the know-how that are manifested in the place, observations were made in the daily life that allowed us to identify rugosities. Thus, research has shown that the social memory of customers and marketers is marked by knowledges and practices that are seized in social frameworks of memory and causes each of the fairs analyzed to exhibit their own dynamicity that characterizes resistance and strengthens the sense of place.

Key-Words: Fair. Place. Social Memory.

“Graças à memória, o tempo não está perdido,
e se não está perdido, também o espaço não está.
Ao lado do tempo reencontrado está o espaço reencontrado.
Ou, para ser mais preciso, está um espaço *enfim* encontrado,
um espaço que se encontra e se descobre
em razão do movimento desencadeado pela lembrança”.

George Poulet ao analisar Proust.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Localização do município de Vitória da Conquista na Bahia, 2014.	18
Figura 2	Localização das feiras pesquisadas em Vitória da Conquista, 2019.	20
Figura 3	Concepção teórico metodológica da pesquisa, 2018.....	22
Figura 4	Pintura de Ludovic Piette retratando uma feira livre ,1860.....	29
Figura 5	Pintura com tema Feira do Artista Caribé, 1986.....	30
Figura 6	Feira de Caruaru retratada por Gerson Lima, 2009.....	31
Figura 7	Xilogravura A Feira Nordestina, 2014.....	32
Figura 8	Rua Grande, Vitória da Conquista, 1940.....	34
Figura 9	Feira livre na Rua Grande, município de Vitória da Conquista, 1940.....	35
Figura 10	Construção da Central de Abastecimento em Vitória da Conquista, 1983- 1986.....	37
Figura 11	Feira da Ceasa em Vitória da Conquista, 1990.....	38
Figura 12	Estrutura entre os pavilhões da feira da CEASA, Vitória da Conquista, 2017.....	39
Figura 13	Comercialização além dos limites da Feira da Ceasa, 2018.....	40
Figura 14	Feira da Patagônia em Vitória da conquista, 1960.....	41
Figura 15	Feira da Patagônia em Vitória da conquista, 1960.....	42
Figura 16 e 17	Feira da Patagônia em Vitória da conquista, 2018.....	43
Figura 18	Construção do Mercado Municipal de Vitória da Conquista, 1986..	45
Figura 19	Mercado Municipal de Vitória da Conquista, 2018.....	46
Figura 20	Ocupação entre os prédios do Mercado Municipal, Vitória da Conquista, 2018.....	47
Figura 21 e 22	Feirantes em frente a entradas de garagens, feira do bairro Brasil, em Vitória da Conquista, 2018.....	48

Figura 23	Feira e Mercado Municipal de Vitória da Conquista, 2017.....	49
Figura 24 e 25	Barracas na Feira do Bairro Brasil, Vitória da Conquista, Bahia, 2017.....	50
Figura 26	Barracas na Feira de Vitória da Conquista, Bahia, 1978.....	51
Figura 27 e 28	Barracas da Feira do Bairro Brasil, Vitória da Conquista, 2018.....	52
Figura 29 e 30	Propaganda para pagamento com cartão na Feira, Vitória da Conquista, 2018.	54
Figura 31	Uso de máquina para pagamento na Feira da Ceasa, Vitória da Conquista, 2018.	55
Figura 32	Uso notas para pagamento na Feira da Patagônia, Vitória da Conquista, 2018.....	56
Figura 33	Frutas e legumes expostos em um supermercado de Vitória da Conquista, 2019.....	57
Figura 34 e 35	Cesto de palha e balança na feira do bairro Brasil, 2018.....	64
Figura 36	Pergunta aos feirantes se gostam de trabalhar na feira, Vitória da Conquista, 2018.....	65
Figura 37	Relações de parentesco nas feiras de Vitória da Conquista, 2018....	67
Figura 38	Alegria como palavra de rememoração nas feiras de Vitória da Conquista, 2018.	70
Figura 39	Barraca de Frutas, Ceasa, Vitória da Conquista, 2018.....	74
Figura 40	Disposição de raízes de mandioca na Feira de Vitória da Conquista, 1978.....	79
Figura 41	Vendedor de mandioca na Feira do Bairro Brasil, Vitória da Conquista, 2018.	80
Figura 42	Mandioca comercializada na feira da Ceasa, Vitória da Conquista, 2018.....	81
Figura 43 e 44	Derivados da Mandioca, feira do bairro Brasil, Vitória da Conquista, 2018.....	82
Figura 45	Diversos tipos de farinha sendo comercializados na feira da Ceasa em Vitória da Conquista, 2018.....	82
Figura 46	Biscoitos na feira, Vitória da Conquista, 2018.....	83

Figura 47 e 48	Carregamento de Biscoitos na Feira da Ceasa, Vitória da Conquista, 2018.....	84
Figuras 49 e 50	Legumes expostos na Feira do Bairro Brasil em Vitória da Conquista, 2018.	87
Figura 51 e 52	Legumes e verduras cortados e embalados, na feira da Patagônia, 2018.....	88
Figura 53 e 54	Saberes e fazeres na Feira do Bairro Brasil em Vitória da Conquista, 2018.....	89
Figura 55 e 56	Feirantes cortando verduras na Feira do Bairro Brasil, 2018.....	90
Figura 57	Relações de construção da memória social no lugar feira, 2019.....	91
Figura 58	Feirantes vendendo legumes na Feira do Bairro Brasil em Vitória da Conquista, 2018.	92
Figura 59	Feirante de andu e legumes na feira do Bairro Brasil, 2018.....	93
Figura 60 e 61	Uso da lata para medir, Feira do Bairro Brasil, 2019.....	94
Figura 62	Vendedor utilizando garrafa pet como medidor na feira do Bairro Brasil, 2019.	95
Figura 63	Copos como formas de medir na feira do bairro Brasil, 2018.....	96
Figura 64	Potes como formas de medir na feira do bairro Brasil, 2018.....	97
Figura 65	Uso de bacias, redes e sacos plásticos para embalar alimentos nas feiras, 2018.....	97
Figura 66	Vendedora oferecendo biscoitos na Feira da Ceasa, Vitória da Conquista, 2018.....	99
Figura 67	Pesquisadora provando biscoitos na feira, Vitória da Conquista, 2018.....	100
Figura 68	Freguesa provando queijo na Feira da Ceasa, Vitória da Conquista, 2018.....	100
Figura 69	O significado da prática do agrado para os feirantes, 2018.	101

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	A ARTE DE FAZER A FEIRA.....	27
2.1	As feiras na cidade de Vitória da Conquista.....	33
2.2	A feira da Ceasa.....	36
2.3	A feira da Patagônia.....	41
2.4	A feira do Bairro Brasil.....	44
3	MEMÓRIA SOCIAL E LUGAR FEIRA.....	61
3.1	O lugar na construção da memória social.....	69
3.2	Revelando as nuances da feira: narrativas, lugar e memória.....	75
4	A FEIRA: LUGAR DE SABERES E FAZERES.....	78
4.1	Estratégias e Táticas do Lugar Feira.....	86
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
	REFERÊNCIAS.....	107
	APÊNDICES.....	112
	Apêndice I – Modelo de entrevista aplicado aos feirantes.....	113
	Apêndice II – Modelo de entrevista aplicado aos fregueses.....	115

*Saiba que o presente não passa de uma partícula fugaz do passado
e que estamos feitos de esquecimentos.*

Jorge Luís Borges

1 INTRODUÇÃO

Dura tudo aquilo que tem razão para recomeçar.

Bachelard

Durar, verbo intransitivo, que significa existir de maneira contínua, permanecer, persistir, resistir. Durar no tempo espaço, apropriar-se das permanências e rupturas, instituir-se como lugar de saberes e fazeres, apresentar rugosidades para além da materialidade, ressignificar os passos, os gestos, as cores, os sabores, os sons, as texturas, lugar onde vicejam as narrativas que se manifestam ao recordar momentos de subjetividade, eis o que se aproxima da minha definição de feira.

As expressões expostas na mera aproximação da definição de feira não se fizeram somente entre livros e pesquisas, mas revela minha experiência da meninice que vai da bicicleta ao pastel¹. Desde o ano de 1984, quando cheguei a Vitória da Conquista, vindo de São Paulo com minha família, apreciei minha primeira visita à feira junto a minha mãe e aos meus dois irmãos, ambos em um carrinho de bebê e eu, caminhando. Confesso que as imprecisões do meu olhar infantil não me fizeram ver e sentir a feira de modo agradável, a começar pelo movimento de ida que parecia nunca chegar à feira e, na volta, nunca se aproximar de casa.

Ao beirar a feira, antes mesmo do olhar dar conta do que via, os cheiros se faziam presentes, havia cabras, galinhas e porcos que ficavam amarrados pelos pés, as frutas se amontoavam em cima de lonas no chão, os medidores eram latas de óleo, os carros passavam apertados entre carroças e potes de barro. Gritaria, confusão de gestos e imagens me atordoavam, por isso sempre desejava voltar depressa ao sossego de casa. Essas visitas à feira se repetiram por alguns anos até nos mudarmos para um bairro em que o comércio do meu pai ficava em frente a outra feira e do lado oposto da rua eu assistia absorta boa parte dos eventos e de longe, a feira me parecia uniforme, estática, silenciosa e ordenada, com o tempo fui me acostumando com sua presença.

Anos mais tarde, em uma reforma realizada pelo poder público, as barracas foram retiradas para a construção de um galpão coberto e um piso de asfalto. Sem as barracas, o espaço

¹ Aprendi a andar de bicicleta no lugar destinado a feira quando as barracas estavam desmontadas para a reforma. Visitar este lugar se tornou algo frequente e ainda perdura no consumo dos pasteis na barraca da minha irmã.

era imenso e vazio. Aos domingos, eu me apropriava daquele espaço para andar de bicicleta. Pedalar no espaço da feira, sem a presença da feira, me fez perceber o quanto a sua ausência me acendia um sentimento de falta, como uma lacuna nos sentidos ou no olhar. Desde então, passei a experimentar o lugar feira de forma diferente.

Quando as barracas voltaram, novas, arrumadas, os cheiros já não incomodavam, os gestos, as frutas e as carnes continham outra cor. E a feira de perto dava ares de heterogeneidade, dinamismo, musicalidade e vida.

Após alguns anos, minha irmã ganhou do meu pai uma barraca de pastel. Hoje sou conhecida nessa feira não pelo meu nome, mas por ser filha de Jerônimo e Francisca, irmã de Fabiana e, sobretudo, mãe de Amelie, a que me faz entender que as relações de parentesco e/ou amizade importam mais do que o que você é ou faz, o que importa é quem é com você.

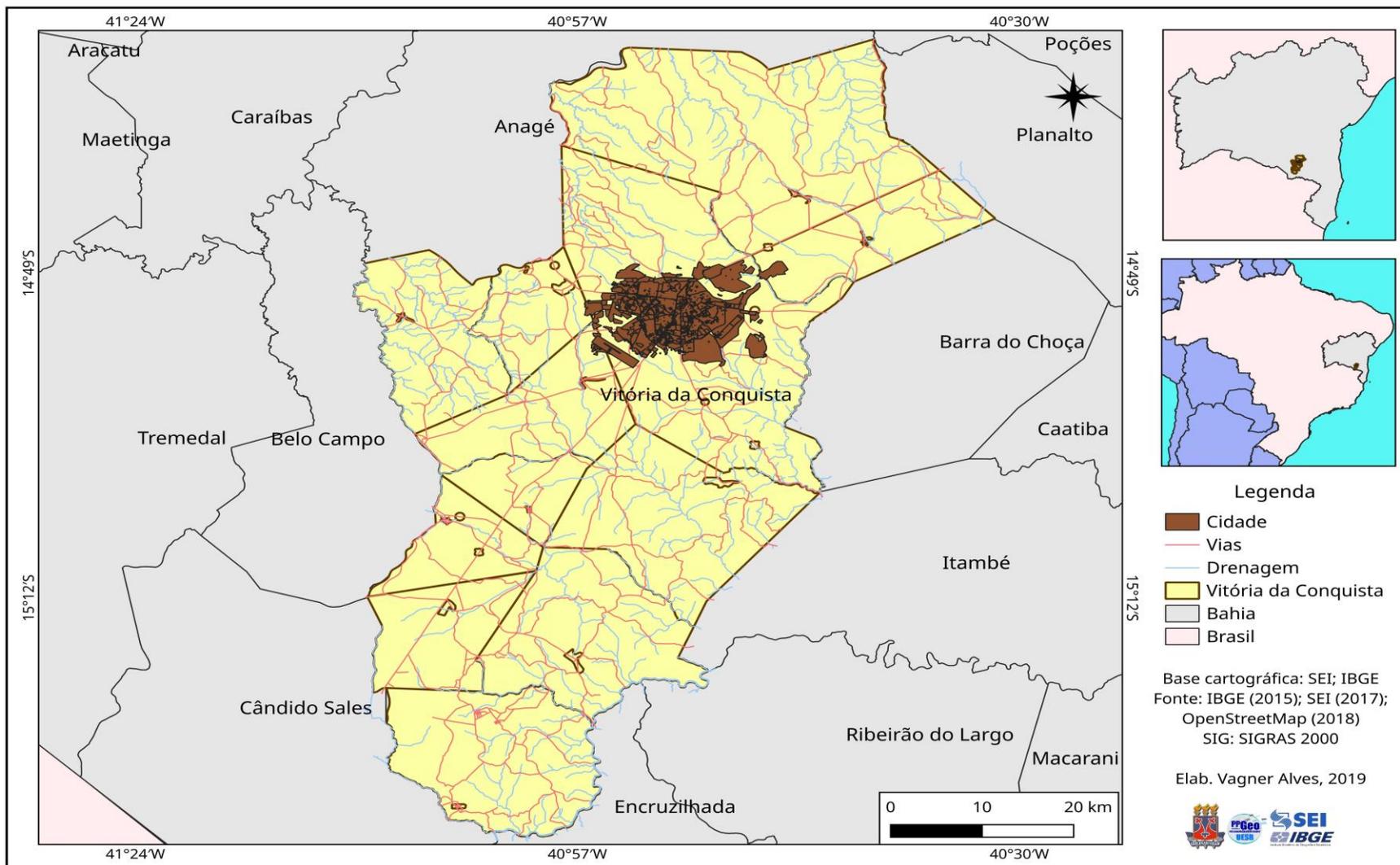
A presença da feira em minhas vivências também chegou na escola em que trabalho quando tive a oportunidade de criar um álbum de fotografias sobre patrimônio e memória, cujo tema era a feira. Perceber em meus alunos o envolvimento com a temática, com os feirantes, ir fotografar com eles, escolher as fotografias e construir o álbum, me fez sentir que a imprecisão do olhar infantil havia se ressignificado, e a feira com todas as suas nuances, ainda durava em mim.

Todo o envolvimento em torno desse lugar chamado feira suscitou o principal objetivo desta pesquisa: analisar a configuração do lugar feira por meio dos saberes e fazeres presentes na memória social dos fregueses e feirantes em Vitória da Conquista. Para tanto, foram traçados, também, objetivos específicos como: conhecer o processo de formação das feiras na cidade de Vitória da Conquista; identificar as rugosidades² presente no lugar feira; identificar as relações de sociabilidade, proximidade e confiança que existem nas feiras; analisar a contribuição da memória social para a configuração do lugar feira; analisar os saberes e fazeres que se manifestam no cotidiano da feira.

O município de Vitória da Conquista localiza-se no Território do Sudoeste Baiano, possui uma área de 3.705,838 Km² divididos entre a zona rural e urbana, há 512 km de Salvador, capital do Estado (Figura 1).

² O conceito de rugosidades foi cunhado por Santos e refere-se a algo que ficou no passado, “o que resta do processo de supressão acumulação, superposição [...] apresentadas de forma isoladas ou como arranjos” (SANTOS, 2006, p.113).

Figura 1 - Localização do município de Vitória da Conquista na Bahia, 2014.



Fonte: Base do IBGE, elaboração: ALVES, 2014.

A abordagem teórico metodológica escolhida para a pesquisa foi a Fenomenologia, por conter procedimentos que melhor se adéquam aos objetivos propostos, pois possui um caráter qualitativo que, segundo Holzer, propõe uma análise que

[...] parte do princípio da intencionalidade, incluindo o mundo na consciência, caracterizando uma nova relação entre o sujeito e o objeto definida por sua correlação, que não se configura em um só objeto, mas no mundo inteiro, como ser-envolvido-no-mundo (HOLZER, 1997, p.78)

A proposta de uma análise das vivências entre a relação sujeito e objeto proporciona uma interpretação baseada não só na história e em fatos, mas também na essência e no sentido que uma significação possa produzir. Assim, a pesquisa se embasa em uma proposta qualitativa cuja metodologia “[...] trabalha com o universo de significados, roteiros e aspirações, crenças, valores e atividades” (MINAYO, 1999, p. 21-22), o que significa dizer que a aproximação entre o pesquisador e o objeto de pesquisa se acentua, pois toda a produção científica está relacionada com as vivências e memórias dos sujeitos sociais. Até a própria formação de uma identidade está relacionada com as práticas cotidianas em um lugar e associam-se a produção do espaço.

Acerca de tal aspecto, Almeida questiona: “Não é por extensão, analogia, similitude ou oposição às nossas experiências que construímos conhecimento e ampliamos o que parece ser individual e absolutamente singular? ” (ALMEIDA, 2010, p. 9). Por isso, este estudo propõe que a pesquisadora possa expressar-se e produzir conhecimento sem que se coloque em posição de afastamento em relação ao seu objeto de estudo.

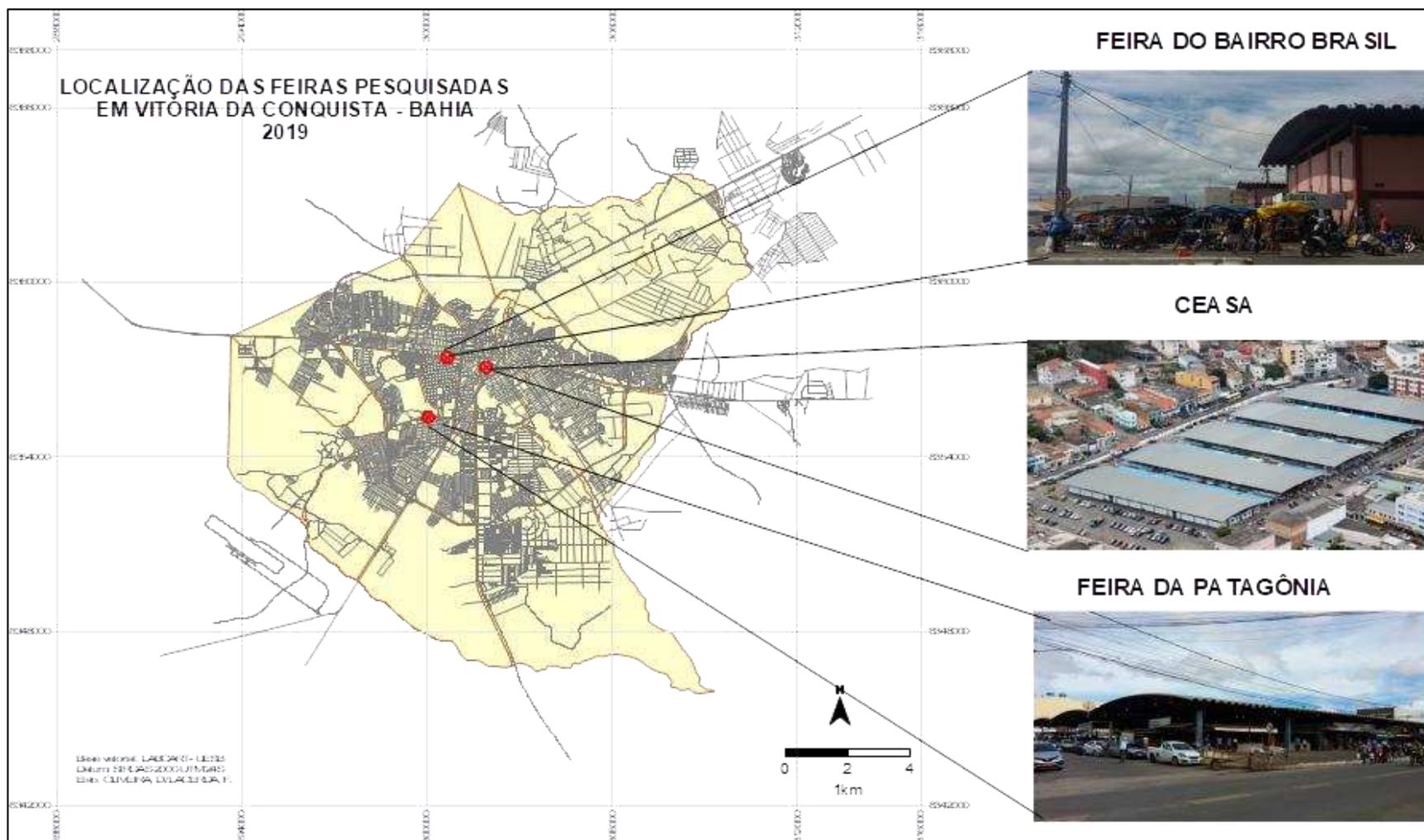
A pesquisa faz análise de três feiras da cidade de Vitória da Conquista: a primeira é a Central de Abastecimento Edmundo Flores (CEASA) que está localizada na parte central da cidade.

A segunda feira é a do Bairro Patagônia, feira em que a pesquisadora possui uma relação pessoal desde a infância até os dias atuais e se relaciona com os feirantes quase que diariamente.

A terceira feira é a do Bairro Brasil, que se forma aos finais de semana a céu aberto ocupando as áreas do entorno do Mercado Municipal, e também foi objeto de pesquisa para um projeto em educação no ano de 2014.

A localização das feiras pode ser observada na Figura 2 apresentada a seguir:

Figura 2 - Localização das feiras pesquisadas em Vitória da Conquista – Bahia, 2019.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Apesar de existirem outras feiras na cidade tão importantes quanto essas, no que diz respeito às relações de sociabilidade ou no que se refere às relações comerciais com outros espaços, as feiras foram escolhidas por fazerem parte de uma vivência direta da pesquisadora, elemento significativo para a abordagem fenomenológica. Além disso, considerou-se a dinâmica que essas feiras assumem no município de Vitória da Conquista, pois elas ainda se constituem como as maiores feiras da cidade e impactam de forma significativa no movimento de diversos sujeitos sociais, além de influenciar diretamente o comércio e as relações econômicas e sociais com as feiras de outros bairros.

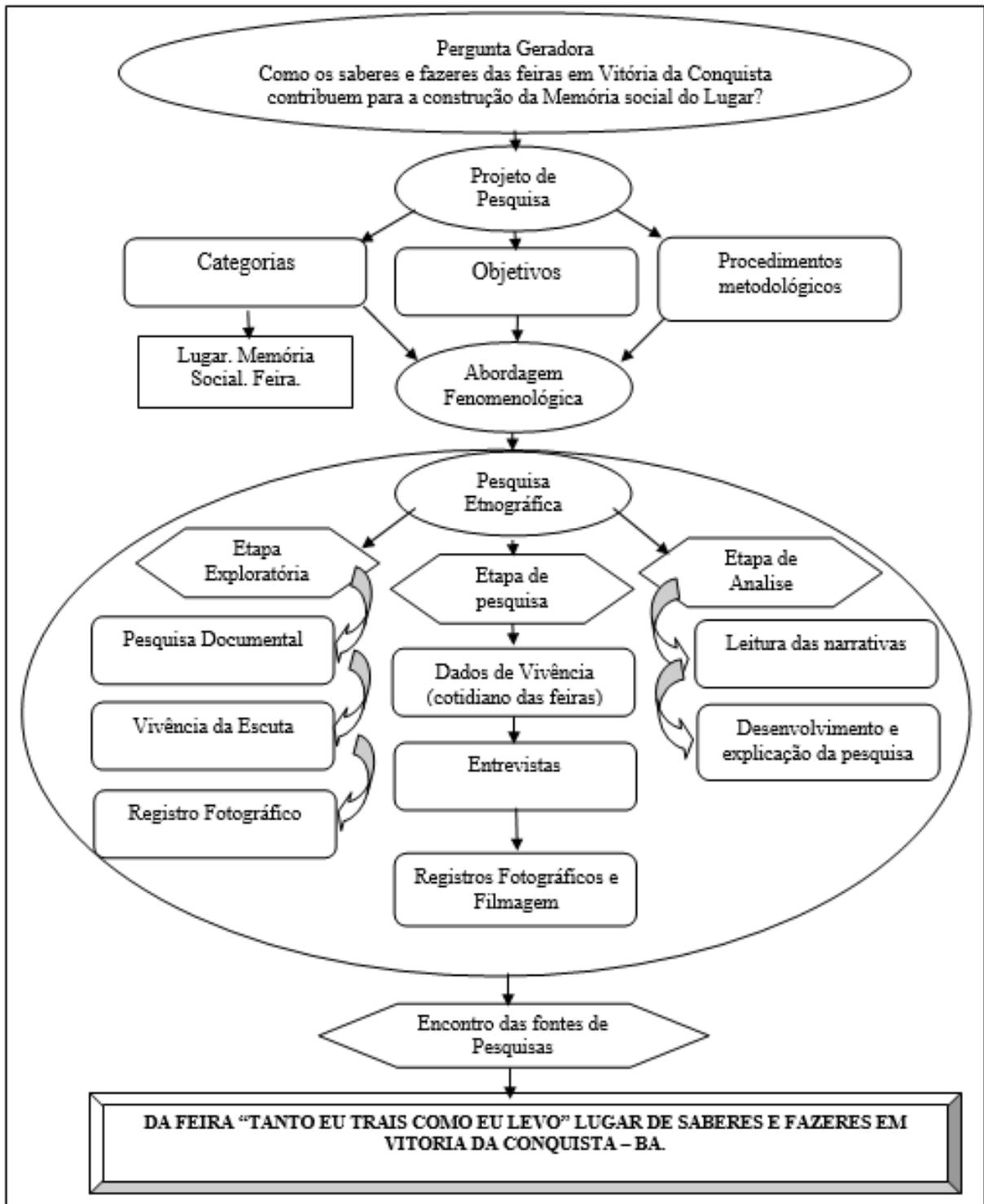
Para a concretização do estudo proposto a pesquisa etnográfica foi imprescindível, pois proporcionou uma participação efetiva no universo da pesquisa o que certamente contribuiu para uma leitura mais atenta da realidade pesquisada.

A pesquisa etnográfica permite o engajar em uma experiência de percepção de contrastes sociais, culturais e históricos. Os aspectos comparativos que nascem da inserção na observação e no compromisso de refletir sobre as vivências e as experiências refletem no olhar sobre a pesquisa e em reconhecer as diversidades e singularidades dos fenômenos sociais na análise sobre o lugar feira. Como afirma Rocha tal processo se dá

[...] a partir de uma inter-relação entre o (a) pesquisador (a) e o (s) sujeito (s) pesquisados que interagem no contexto recorrendo primordialmente as técnicas de pesquisa da observação direta, de conversas informais e formais, as entrevistas não-diretivas (ROCHA, 2008, p. 1)

Por se aproximar dos sujeitos envolvidos no processo da pesquisa e se utiliza dos procedimentos de escuta, observação e vivência, a pesquisa etnográfica se constitui na estratégia metodológica que mais se aproximou da abordagem proposta para este estudo dividido em três etapas: etapa exploratória, etapa de pesquisa e etapa de análise, que podem ser melhor exemplificadas na Figura 3:

Figura 3 – Concepção teórico metodológica da pesquisa, 2018.



Fonte: LACERDA, F. R., 2018.

O suporte teórico utilizado na pesquisa está embasado em autores que possibilitam estabelecer um diálogo com as categorias de análise que são lugar, memória social e feira. Autores como Santos (1996), Massey (2000;2008) e Relf (1976) embasam a análise da categoria Lugar; Halbwachs (1993), Nora (1990) e Pollak (1992) se constituem nos principais autores para a abordagem da Memória social; Vedana (2004) Almeida (2009), Costa (2016) Wille e Menashe (2015) apresentam o suporte para a discussão das Feiras-livres; também foi imprescindível a contribuição de Certeau (2013) para embasar a discussão sobre os saberes e fazeres.

Para viabilizar a presente pesquisa foram executados procedimentos metodológicos que incluíram visitas e pesquisa documental ao Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista para levantamento de fontes referentes às feiras da Ceasa, do Bairro Brasil e da Patagônia. A pesquisa documental contou com análise de jornais, revistas e fotografias, além de um levantamento histórico bibliográfico que serviu como base para a compreensão do processo de formação das feiras, sobretudo na cidade de Vitória da Conquista.

Na pesquisa exploratória foram realizadas conversas informais associadas às fotografias, para analisar a feira como lugar de memória por meio das narrativas de alguns feirantes e fregueses, uma vez que as narrativas se constituem como material de análise para a compreensão da memória social dos sujeitos da pesquisa.

Para identificar as relações de sociabilidade e o saber fazer que se manifestam no lugar foram feitas observações no cotidiano das feiras e posteriormente foram realizadas entrevistas semiestruturadas, que permitiram mais flexibilidade e aprofundamento na temática da pesquisa com o propósito de gerar mais informações.

Foram realizadas vinte entrevistas com feirantes e quinze entrevistas com fregueses utilizando como parâmetro para a finalização das entrevistas o critério da saturação que leva em conta características como a repetição entre as respostas. De acordo com esse critério, a variedade representacional é limitada no tempo e no espaço. Contudo, as diferenças marcadas por vivências sociais e condição imediata de produção de fala também foram levadas em consideração na realização das entrevistas. Esses dados foram fundamentais na elaboração de diagramas temáticos para ajudar na interpretação dos resultados.

Visitas e observações participadas foram realizadas para identificar as rugosidades nas práticas cotidianas da feira, além de registros fotográficos e registro de algumas conversas informais.

O exercício de explorar a fotografia nas análises do lugar, como elemento de representação dos espaços vividos, pretendeu dar à pesquisa uma base de dados essencial para compreender como se processa os saberes e fazeres no lugar feira pelos feirantes e fregueses. A relevância da fotografia na pesquisa se evidencia quando constata-se que falar sobre a feira, tendo em mente a lembrança de imagens ou quadros fotográficos que a retratam e compõem suas diversas nuances, torna a compreensão da sua dinâmica mais próxima do que ela representa. Assim, a ausência da fotografia não torna a análise menos relevante, o que a fotografia sugere é a apreciação de detalhes como gestos, elementos e representações que são importantes para compreender a singularidade desse lugar.

Um dos aspectos relevantes para um olhar mais atento para o lugar e os fazeres e saberes que nele se expressam é o uso da imagem que compõe um registro significativo de inúmeros momentos nos quais a curiosidade foi substituída por indagações sobre como a realidade social é construída.

As primeiras inserções no universo da pesquisa foram norteadas pelo olhar atento ao contexto e a tudo que acontecia no lugar observado, pois, como afirma Mauad, a fotografia “[...] é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real realizada mediante o recurso a uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica” (MAUAD, 1996, p.3).

Em diversos momentos os alimentos se destacaram como personagens principais em meio às relações de comércio, de poder e de apropriação de uma linguagem informal, mas sobretudo, a fotografia buscou capturar uma interação afetiva e de proximidade coletiva.

Para Tittoni, “[...] o ato de fotografar implica em escolhas e recortes, dando relevância ao ponto de vista de quem fotografa e a imagem, nesse sentido, deixa de ser somente ilustração de descrições, mas possibilidade de construção a partir de outra forma de escritura”. (2010, p.63). Nesse sentido, a fotografia possui um papel de destaque nesta pesquisa, pois perpassou o caminho de uma leitura de imagens da feira e dos elementos que a compõe.

Outro elemento que se destaca na pesquisa é o uso das narrativas dos fregueses e feirantes para compreender o processo que dá sentido ao lugar feira. Por meio das narrativas é possível propiciar aos sujeitos sociais um olhar para suas próprias vivências, para seu cotidiano e para suas memórias. Para Benjamin,

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede a um grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e

inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (BENJAMIN, 1994, p. 198).

Intercambiar experiências, como sugere o autor, é o movimento que salta aos olhos no lugar feira, assim, as narrativas apresentam-se com espontaneidade, sem embaraços, porque para os fregueses e feirantes a oralidade é parte importante no ato de fazer a feira.

As reflexões construídas na pesquisa foram estruturadas em cinco capítulos. No primeiro capítulo, são apresentadas as reflexões introdutórias que refletiram a escolha das feiras e suas localizações, o embasamento teórico conceitual adotado e questões metodológicas da pesquisa.

No segundo capítulo, intitulado A arte de fazer a feira, são apresentadas as três feiras que pesquisadas: Feira da Ceasa, Feira do bairro Brasil e Feira da Patagônia com ênfase nas entrevistas e em análise de elementos que caracterizam essas feiras.

No terceiro capítulo, denominado A Memória Social e o Lugar Feira, as discussões permeiam a categoria lugar e memória social com aprofundamento nos referenciais sobre essas categorias, contemplando, com isso, as narrativas que enfatizam a relação entre memória e lugar por meio da abordagem das feiras.

O quarto capítulo, Lugar de Saberes e Fazer, faz análise de saberes e fazeres mais relevantes na pesquisa de campo e como eles são importantes para a construção da memória social do lugar feira. Os saberes e fazeres estão diretamente relacionados às fotografias, para um aprofundamento na análise das práticas dos fregueses e feirantes, associados também às narrativas sobre o lugar.

O quinto capítulo traz as reflexões de conclusão da pesquisa no que se refere à análise da configuração do lugar feira por meio dos saberes e fazeres presentes na memória social dos fregueses e feirantes em Vitória da Conquista.

As pesquisas sobre as feiras associadas à categoria lugar e memória social ainda são escassas no âmbito da geografia e são importantes para se compreender os estudos sobre o lugar feira como uma prática de resistência, pois inserir o sujeito social como agente e parte integrante do processo de produção do espaço configura-se como uma reestruturação no modelo imposto pela ciência. Dessa forma, os capítulos que se seguem voltam o olhar para o sujeito social, ativo, dinâmico que não só faz parte do lugar, como é responsável pela construção deste. Assim, além das materialidades que constituem o lugar feira, a pesquisa buscou explicar as imaterialidades que também estão fortemente presentes no contexto da pesquisa.

A ARTE DE FAZER A FEIRA



*O dever de memória faz de cada um
o historiador de si mesmo.*

Pierre Nora

2 A ARTE DE FAZER A FEIRA

*Vou lhe contar, cidadão,
Uma história bem brejeira
Que começou numa feira
Pelas bandas do sertão
E de forma bem ligeira
Chegou à terra inteira
Causando admiração.*

Valter Medeiros

Pesquisar as feiras, seus meandros e interfaces, seja no que se refere às relações sociais que nelas se processam ou para compreender melhor as dinâmicas econômicas e comerciais que nelas se manifestam, permite uma reflexão sobre os “saberes científicos e os saberes da tradição”³. O cotidiano da feira aguça diversas formas de percepção, desde que se esteja aberto o suficiente para vivenciá-lo.

O termo feira deriva do latim *feria* que significa dia santo ou dia de descanso. Este termo foi atribuído às feiras medievais do século XI quando as pessoas se reuniam em praças para vender ou trocar produtos, muitas vezes resultantes de excedente de produção agrícola, e aconteciam em dias em que não havia o comércio regular, ou seja, em dias atribuídos ao descanso. Há divergências, entre diversos autores, sobre a origem e o surgimento das primeiras feiras por se tratar de um modelo de manifestação cultural e social realizado há muito tempo. Como afirma Lima,

As feiras-livres podem ser caracterizadas como fenômenos econômicos e sociais muito antigos [...] tais práticas, são tão antigas que remontam aos primeiros agrupamentos humanos, desde que o homem deixou de ser nômade e fixou-se sobre a terra, domesticando animais e criando a agricultura. Vale destacar, ainda, que existem registros de comerciantes do início da Era cristã (LIMA, 2008, p.2).

³ A articulação entre esses saberes é instigada por Almeida (2010) ao tratar da problematização e da desconstrução de duas ideias. A primeira trata-se da concepção de que o intelectual acadêmico é o tradutor privilegiado das verdades e concepções de mundo e a segunda da desclassificação dos saberes da tradição, comumente entendidos como inferiores.

Nesse sentido, as feiras livres são marcadas como lugares de encontro, de experiências, de fazeres e saberes que reforçam significados à medida que sua dinâmica vai configurando o espaço. Santos afirma que “[...] cada lugar é, à sua maneira, o mundo” (2006, p.213), sendo assim, por toda a sua dinâmica social, cultural, econômica e territorial, a feira é um espaço de representação do mundo.

O processo de formação das feiras foi acompanhado de manifestações da população para tentar proporcionar um local onde se acomodassem os produtos oferecidos, disponibilizando-os a um maior número de pessoas, além de vender ou trocar sobras por outras demandas, assim, cada comerciante dispunha suas mercadorias em barracas formando uma célula, um pequeno espaço para abrigar seus produtos e a si mesmo. As diversas lonas estendidas ocupavam o espaço das praças ou terrenos e delimitavam o lugar da feira.

Os quadros fotográficos ou imagens, que retratam a feira e evidenciam suas diversas nuances, torna a compreensão da sua dinâmica mais próxima do que ela efetivamente representa, por isso, o uso de imagens, pinturas, quadros ou fotografias para retratar a feira enriquece o entendimento do significado desse lugar, pois os olhares daqueles que produzem tais imagens revelam detalhes que poderiam passar despercebidos.

Tal aspecto é instigado por Ginzburg (1989) ao tratar do paradigma indiciário. Para o autor é imprescindível que o pesquisador observe indícios e pistas que, articulados, permitam desvelar significados. Por isso, este não deve se contentar unicamente com as evidências, mas deve se atentar para os pormenores, para os aspectos muitas vezes considerados de menor relevância que, contudo, possibilitarão uma leitura mais enriquecedora da realidade. Ginzburg enfatiza: “[...] pistas talvez infinitesimais permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível” (GINZBURG, 1989, p. 50). De acordo com o autor, a realidade é opaca, mas existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la.

As imagens das feiras, feitas em diferentes contextos, revelam aspectos referentes ao lugar e à forma como ele é ocupado. Tomadas como elementos que constituem a feira, as barracas possuem uma presença marcante e se destacam também em diversas pinturas do século XX ao expressarem um movimento simultâneo de permanência e efemeridade. A Figura 4 retrata essa dinâmica na pintura de Ludovic Piette, pintor francês (1826-1878):

Figura 4 - Pintura de Ludovic Piette retratando uma feira livre, 1860.



Fonte: Ludovic Piette, 1860.

Na pintura de Piette é possível observar os produtos espalhados no chão e algumas barracas semelhantes às tendas que também abrigam mercadorias, assim como cestos, carrinhos e sacolas que fazem parte desse conjunto de elementos que se agregam e constituem a feira.

Percebe-se a presença de pessoas de diferentes gerações e a interação entre elas, mas não se observa a presença de animais como cavalos, galinhas ou porcos que eram comuns em feiras tanto para ajudar no transporte de mercadorias, como para serem comercializados.

Outras pinturas de artistas, em diferentes épocas, retratam a feira e expõem a presença de barracas, produtos diversificados e a interação marcante entre esses elementos. Na Figura 5 pode-se observar como o artista argentino, naturalizado brasileiro, conhecido como Caribé, destaca, em suas aquarelas, a feira e o desenho de suas barracas.

Figura 5 - Pintura com o tema Feira do Artista Caribé, 1986.



Fonte: Caribé, 1986.

As cores e os tecidos das barracas posicionados em uma perspectiva horizontal, apesar da irregularidade de disposição, transmitem harmonia ao lugar e às pessoas que circulam no espaço e proporcionam uma sensação de abrigo e ao mesmo tempo de movimento.

Percebe-se, ainda na imagem, a tranquilidade nos gestos das pessoas que conversam, observam e aproveitam a falta de pressa para vivenciar o lugar. A linguagem corporal dos fregueses e feirantes revela que eles estão inclinados ao diálogo, atentos à escuta das narrativas e dispostos a reconhecer as afinidades com afeto, o que evidencia as relações de sociabilidade que o lugar feira proporciona.

Além das barracas, se destacam na pintura as cores e os gestos de forma singular, manifestando o cotidiano da feira de forma simples e intensa. A expressão na pintura do artista Caribé retrata de forma lúdica e imagética o cotidiano da feira, de trabalho ou de lazer. Entre os risos soltos e a conversa demorada, o dia a dia se comprime por entre as tendas e as mercadorias. Essa é uma das formas possíveis de compreender esse lugar dotado de diversidades e singularidades.

A feira também é amplamente retratada em obras de Arte Naif⁴, que trata-se de uma arte sem preocupações referentes às formas ou aos enquadramentos artísticos, associada à disponibilidade dos eventos presentes nas feiras livres, às fotografias do cotidiano e, das expressões populares, esta arte tornou-se abundante e acessível.

A pintura de Gerson Lima, artista de Pernambuco que pinta a feira de Caruaru, é uma Arte Naif que demonstra com detalhes as expressões dos feirantes e dos fregueses que circulam em meio às barracas, carrinhos e mercadorias. Estas pinturas, destacadas na Figura 6, apresentam um enquadramento bem particular que se assemelham às fotografias.

Figura 6 - Feira de Caruaru retratada por Gerson Lima, 2009.



Fonte: Gerson Lima, 2009.

As obras com temas relacionados às feiras são extensas e lançam olhares atentos às riquezas culturais destes importantes lugares de trabalho e socialização. Os destaques para a forma como os produtos são expostos nas feiras é característica marcante nas pinturas de Gerson Lima e as obras também dão ênfase à presença dos fregueses e feirantes e a relação entre eles.

Além da utilização de várias técnicas de pinturas em quadros, outra técnica que se destaca são as xilogravuras, como pode ser observado obra de J. Miguel, na Figura 7:

⁴ Arte Naif (do francês, arte ingênua) é o estilo a que pertence à pintura de artistas sem formação acadêmica sistemática. Trata-se de um tipo de expressão que não se enquadra nos moldes acadêmicos, nem nas tendências modernistas, nem tampouco no conceito de arte popular.

Figura 7 – Xilogravura de J. Miguel retratando a feira Nordestina, 2014.



Fonte: J. Miguel, 2014.

A xilogravura apresenta elementos e situações muito recorrentes na feira, mas diferente das imagens anteriores, a diversidade de produtos na xilogravura se multiplica com a presença de roupas, ferramentas, artesanatos, animais, cachaça, cordéis e frutas que se encontram dispostos em barracas ou agregados em pequenos espaços no chão.

O que também merece destaque são os gestos e as expressões faciais de algumas pessoas, mostrando-se pouco satisfeitas com determinada situação. Isso evidencia que o lugar feira apresenta diversidade nas divergências de ideias, padrões e modos de fazer. A feira também é lugar de discussão, de desavenças que podem chegar a um acordo e entendimento ou podem chegar às brigas e até tragédias.

Inúmeras cidades na Europa passaram por processos de formação e expansão em torno das feiras-livres. Para Almeida,

[...] as feiras são fenômenos econômicos, educacionais e sócio-culturais antigos, presentes na cultura asteca, conhecidos por gregos e romanos. A partir da revolução comercial (séc. XI) as feiras adquiriram notoriedade e firmaram-se entre as camadas mais populares em locais onde a população realizava trocas ou vendia seus produtos (ALMEIDA, 2009, p.22).

Como afirma Almeida, as feiras são fenômenos econômicos e socioculturais, mas também educacionais, pois é possível aprender e ensinar na feira e, por apresentar modalidades de comercialização e oferta de produtos bastante diversificados, esse modelo se espalhou pelo mundo e chegou ao Brasil.

A feira livre no Brasil constitui modalidade de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal, organizada como serviço de utilidade pública pela municipalidade e voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos. Herança em certa medida da tradição ibérica (também de raiz mourisca), posteriormente mesclada com práticas africanas, está presente na maioria das cidades brasileiras. (MASCARENHAS, 2008, p.75)

Esse modelo de feira se espalhou pelo país e atualmente atende cidades diversas, e, nesse sentido, pode-se citar as feiras como práticas tão antigas quanto o processo de formação das sociedades brasileiras que, de forma lenta ou não, acompanharam as transformações ocorridas na produção e distribuição dos produtos do campo para a cidade.

Nas feiras brasileiras, sobretudo nas cidades do interior do Nordeste, a multiplicidade na oferta de produtos é imensa, vão desde artesanato às roupas, aos artigos para casa e aos alimentos como frutas, verduras, legumes e industrializados de diversos tipos, inclusive comidas tradicionais artesanais de diferentes regiões que muitas vezes são encontradas na mesma barraca, o que enriquece ainda mais esse lugar que se convencionou chamar de feira.

2.1 As feiras de Vitória da Conquista

*Já que tu vai lá prá fêra
Meu amigo, trais essas coisinhas para mim...*

Elomar Figueira de Melo

No município de Vitória da Conquista, a feira sempre teve papel de destaque como ponto de encontro de bandeirantes portugueses e como acesso a comercialização de produtos que chagavam de outras regiões, já que a cidade foi rota de passagem entre vilas e cidades maiores. De acordo com Rocha,

O município de Vitória da Conquista tem uma história que remonta à colonização exploratória do território brasileiro, pertence ao processo de colonização portuguesa do século XVIII e início do século XIX. A busca do ouro, na faixa de terras entre o Rio Pardo e de Contas, aliado às políticas de

interiorização do Governo Português, levaram a uma ocupação efetiva das terras hoje pertencentes ao município de Vitória da Conquista e Região. Por volta de 1750, ocorreram as primeiras expedições portuguesas pelas terras pertencentes hoje ao município de Vitória da Conquista. Nesse período, o território era ocupado por tribos indígenas, principalmente os índios Camacans que habitavam as margens do Rio Verruga e, no entorno da Serra do Periperi. Os portugueses ‘conquistaram’ as terras indígenas e passaram a consolidar o arraial que deu origem à cidade (ROCHA, 2008, p.43).

A única feira realizada na Rua Grande, nome dado à rua central da cidade, exerceu a função de referência de comércio local e regional, espalhava-se pela área aberta, sem estrutura de abrigo ou cobertura fixa e acompanhava a forma que a rua apresentava, mais estreita ao Sul e mais aberta e larga ao Norte, onde encontrava-se a igreja Matriz. A configuração da rua pode ser observado na Figura 8:

Figura 8 - Rua Grande, Vitória da Conquista, 1940.



Fonte: Acervo do Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista, 2017.

Na feira da Rua Grande os fazeres estavam relacionados à economia, à cultura e à vida social. As barracas eram montadas sem muita formalidade, o terreno era de chão batido e os produtos, muitas vezes, eram dispostos em cima de estruturas feitas de madeira. Alguns animais

como cavalos, bodes, cabras, porcos ou galinhas também eram comercializados na feira e amarrados lado a lado ou em pequenos cercados colocados próximos às barracas.

A feira recebia agricultores e pequenos produtores rurais que viviam em torno da cidade e lá era o principal lugar de circulação do dinheiro, da economia, de encontro das relações entre o campo e a vila. Na feira se iniciavam os grandes negócios e se realizavam as pequenas trocas. Na Figura 9 é possível perceber o espaço ocupado pela feira e como ela representava um grande acontecimento na cidade.

Figura 9 - Feira livre na Rua Grande, município de Vitória da Conquista, 1940.



Fonte: Acervo do Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista, 2017.

A feira acompanhou o processo de expansão da cidade, aumentando o número de comerciantes e consumidores ao longo dos anos, além de expandir a oferta e a qualidade dos produtos. Também passou por processos intensos de modificação no que se refere à localização, ao fluxo de pessoas, às mercadorias e à função dentro desse espaço urbano. A estrutura da feira também passou por transformações, mas sua função econômica e social resistiu e se expandiu.

Com a expansão da cidade de Vitória da Conquista a praça conhecida como Rua Grande perdeu a função comercial relacionada à feira e passou a exercer a função de centralização de

especialidades, abrigando bancos, lojas, restaurantes, hotéis e serviços e, concomitantemente a feira que ocupava o centro da cidade, passou a ocupar outros espaços e receber comerciantes e consumidores de outras regiões.

Com o crescimento de novos bairros, pequenos comerciantes foram se apropriando do espaço de praças e promovendo feiras em dias diferentes da realizada semanalmente no centro da cidade.

2.2 A feira da CEASA

*Fumo de rolo, arreio de cangalha
Eu tenho pra vender, quem quer comprar
Bolo de milho, broa e cocada
Eu tenho pra vender, quem quer comprar
Pé de moleque, alecrim, canela
Moleque sai daqui me deixa trabalhar
E Zé saiu correndo pra feira dos pássaros
E foi passo-voando pra todo lugar*

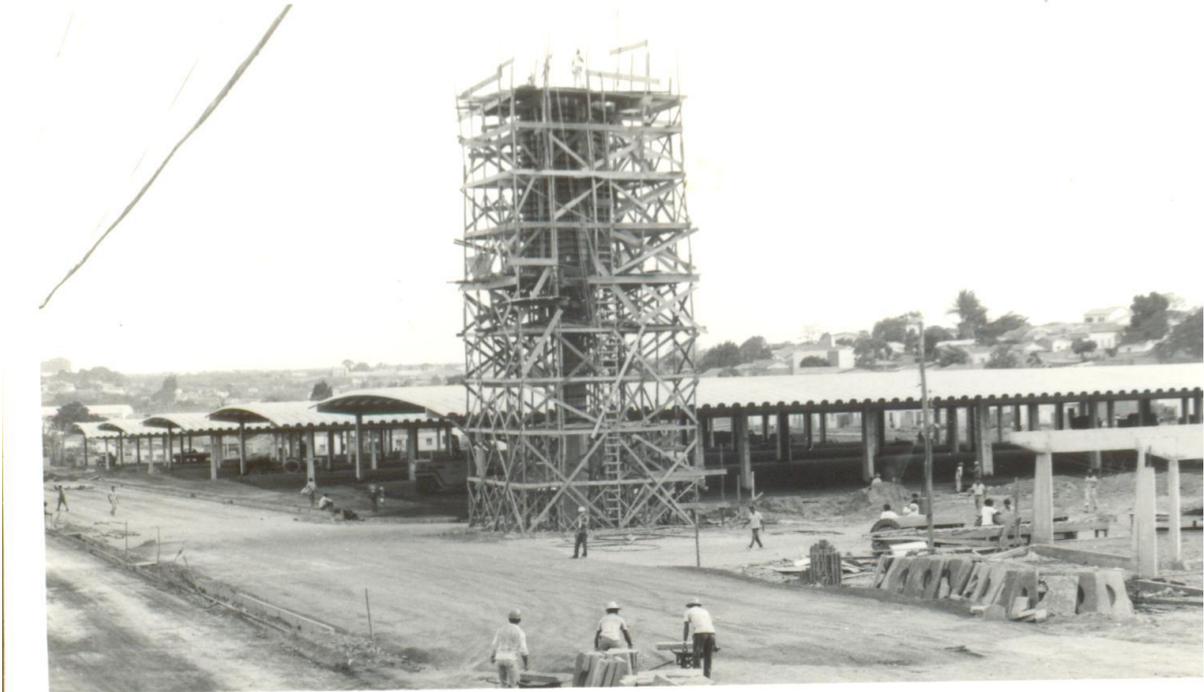
Dominguinhos

Entre 1983 e 1986 ocorreu a construção de cinco pavilhões para abrigar a feira que era realizada na Praça da Bandeira, ao lado do Mercado Municipal Fernando Spínola, conhecido como Mercadão.

A mudança da feira não só se atribuiu a mudança do local, mas também ao porte que passou a ser Central de Abastecimento, conhecido como Ceasa, que, além de atender diretamente os consumidores, passou a atender o abastecimento de feiras menores que surgiram em bairros mais afastados do centro e de feiras de outras cidades. A construção da Ceasa pode ser observada na Figura 10.

Mesmo com todas as mudanças espaciais e estruturais, a feira da Ceasa continuou a envolver as relações entre campo e cidade, as relações de poder, de comércio, de trabalho e de afeto, constituindo-se em uma rede de relações imbricadas, atreladas ou agregadas entre si de tal forma que cada parte que constitui esse lugar se torna indispensável na manutenção e ressignificação desse todo.

Figura 10 - Construção da Central de Abastecimento em Vitória da Conquista – [1983- 1986]



Fonte: Acervo do Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista [1983-1989]

De toda essa dinâmica decorre a importância de uma leitura da variedade de elementos que passam pela subjetividade humana, a fim de compreender a feira. Como destaca Costa,

[...] as feiras representam importantes áreas de circulação na cidade, tanto circulação de pessoas, como de capitais. Em geral seus principais produtos são de origem agrícola, todavia os industriais e artesanais também são comercializados, como roupas, sapatos, utensílios domésticos, bijuterias, etc. É essa diversificação de mercadorias e de pessoas que faz das feiras livres locais únicos e de importante análise, pois como os produtos e as pessoas que nelas estão presentes são provenientes de várias outras regiões, implicam sempre numa constituição de redes e fluxos (COSTA, 2016, p. 210).

A Figura 11 apresenta a feira da Ceasa depois da sua inauguração, ocorrida em 1986. Pela imagem é possível perceber a dimensão desse espaço, composto por uma estrutura de cinco pavilhões, demarcados com boxes setorizados, as pessoas circulam semanalmente em um fluxo constante compondo uma população flutuante em busca de produtos e serviços, abarcando uma rede de relações pessoais e comerciais.

Figura 11- Feira da Ceasa em Vitória da Conquista, 1990.



Fonte: Acervo do Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista – 1990.

Cada pavilhão foi destinado a um grupo determinado de produtos, como carnes, hortaliças, verduras e frutas, biscoitos, queijos e artesanatos e os espaços entre os pavilhões foram destinados à circulação de pessoas e escoamento das águas pluviais.

Contudo, a demanda por mais espaços para a comercialização dentro da feira fez com que os limites estabelecidos pelos pavilhões fossem extrapolados e ressignificados, no que se referem às fronteiras, e ocupados a princípio por ambulantes que, posteriormente, se fixaram nesses lugares e obrigaram o poder público a fazer nova cobertura.

A construção dessas novas coberturas, ampliando os limites de cada pavilhão, alterou a estrutura da feira. Esse aspecto pode ser associado à abordagem de Santos (1985), pois o autor enfatiza a inter-relação de todas as partes que compõem o todo do espaço, como o modo de organização ou construção em um determinado lugar. Essa alteração modificou também a função do lugar, que passou a ser abrigo para os feirantes e fregueses e alterou a forma do arranjo ordenado de objetos inicialmente planejado. Tal reconfiguração reflete a dinâmica do lugar que também foi modificado pela demanda cotidiana, como pode ser observado na Figura 12:

Figura 12- Estrutura entre os pavilhões da feira da CEASA, Vitória da Conquista, 2017.



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

A criação de novos pavilhões para abrigar mais feirantes estabeleceu o uso de novos espaços da feira, nesse caso percebe-se que, como afirma Hissa, “[...] fronteiras interrogam limites. Aberturas borram limites que se transformam em territórios de contato” (HISSA, 2010, p.60).

No que concerne à configuração do espaço, a dinâmica cotidiana não obedece aos padrões institucionais e isso se evidencia no fato de que as fronteiras da feira, que foram pensadas e estruturalmente construídas para limitar as relações de comércio dentro de uma determinada área, foram ampliadas.

Apesar da infraestrutura inadequada para abrigar os feirantes e fregueses, a quantidade de feirantes aumentou de tal maneira a ponto de ocorrer semanalmente a ocupação de calçadas e parte do estacionamento para a armação de barracas e venda de produtos diversos, desde eletrônicos a frutas, verduras e roupas. Essa apropriação dos diferentes espaços não planejados pode ser observada na Figura 13:

Figura 13 - Comercialização além dos limites da feira da CEASA, 2018.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

A ocupação de calçadas, ruas e estacionamentos para a comercialização provocou uma ampliação das fronteiras do lugar da feira para além do que a princípio foi determinado pelo poder público na construção do espaço. Isso intensificou a modificação da forma da feira e,

com isso, o lugar destinado ao comércio se ampliou potencializando a função de ponto de encontro entre produtores, comerciantes e artesãos, mas para além disso ampliou-se também as trocas de saberes e fazeres entre a cidade de Vitória da Conquista e cidades próximas. Essa ampliação do lugar feira pode ser percebida também em outras feiras da cidade.

2.3 A feira da Patagônia

*Traz pra mim umas brevidades
Que eu quero matar a saudade
Faz tempo que eu fui na feira
Ai saudade...*

Elomar Figueira de Melo

Uma das feiras que também cresceu consideravelmente na cidade de Vitória da Conquista foi a Feira do bairro Patagônia. Ela surgiu com a expansão da cidade e a necessidade de espaços de comercialização de produtos que estivessem mais próximos da população do bairro, pois o deslocamento de aproximadamente 4 km até o centro da cidade, onde se localiza o Centro de Abastecimento, era dispendioso ou de difícil acesso. A Figura 14 é uma fotografia de 1960 da feira da Patagônia, como ficou popularmente conhecida.

Figura 14 - Feira da Patagônia em Vitória da Conquista, 1960



Fonte: Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista, 2018

As diversas barracas aglomeradas identificam a feira. A presença de carros na rua de terra vislumbra o que atualmente é a Avenida Frei Benjamim, uma das principais vias de acesso ao bairro. A qualidade da imagem surpreende, apesar do tempo e das rasuras, pois possibilita a observação de detalhes significativos que podem ser vistos na Figura 15.

Figura 15 - Feira da Patagônia em Vitória da Conquista, 1960



Fonte: Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista, 2018.

Com a ampliação da fotografia, é possível notar a quantidade de pessoas que circulam no local, os produtos espalhados no chão em mesas ou barracas, a presença de cadeiras e a exposição de alimentos em panelas. Há, também, carrinhos de madeira utilizados para carregar as compras dos fregueses, cestos e latas que se espalham pelo lugar. Todos esses elementos que se repetem nas análises das fotografias das feiras compõem características marcantes desse lugar repleto de significados. É nessa perspectiva que Carlos enfatiza que “[...] a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção da vida” (CARLOS, 1996, p. 28).

É possível perceber as inúmeras mudanças ocorridas ao longo das décadas, nas Figuras 16 e 17, em termos de estrutura, forma e função, pois a feira tornou-se ainda mais importante para o abastecimento do bairro e o crescimento do comércio em torno dela.

Figura 16 e 17 - Feira da Patagônia em Vitória da Conquista, 2018.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

As modificações ocorridas na feira da Patagônia associam-se a reforma da feira entre as décadas de 1980 e 1990, quando foi construída a cobertura que atualmente abriga os boxes de verduras e legumes, carnes, artesanatos e os setores de lanchonetes e restaurantes. Um comerciante de bebidas que possui um box dentro da feira, revela: “Eu vim de Minas pra cá, de

Jordânia, e não tinha nada quando cheguei, aí consegui essa barraca aqui e tô até hoje, na mesma barraca⁵”.

O espaço destinado à construção da cobertura apresenta-se hoje insuficiente para as demandas dos feirantes e fregueses, devido ao crescimento do bairro, o que ocasiona o uso do espaço nas ruas laterais pelos feirantes. Além do crescimento do bairro, o aumento do desemprego e as dificuldades socioeconômicas enfrentadas nas cidades faz com que os cidadãos busquem ocupar o lugar da feira como alternativa de melhoria das questões financeiras. Este fator abrange a exposição dos produtos em dia de maior movimento, utilizando carrinhos, carroças ou lonas no chão para a comercialização.

Todos os feirantes precisam ter a concessão do município para trabalhar e somente os produtores rurais podem se instalar livremente, desde que paguem para a Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista uma taxa referente ao uso do ponto de comércio na feira. No Código de Polícia Administrativa, no Artigo 123, apresenta-se claro que somente ao produtor rural será permitido ocupar espaços nas feiras livre e cobertas para comercializar seus produtos, mediante taxa de licença.

⁵ Senhor Auresino, 63 anos, feirante há 24 anos. Entrevista concedida em outubro de 2018.

2.4 A Feira do Bairro Brasil

*Das feiras da semana
gosto mesmo das de domingo:
Feira de artesanato,
feira de frutos do mar,
feira de livros,
feira livre
para ficar dormindo.*

Marilda Confortin

A feira do Bairro Brasil é uma das feiras mais antigas da cidade Vitória da Conquista e funciona a céu aberto. Por seu caráter de abrigar diversas barracas com inúmeros produtos de artesanatos, biscoitos, roupas, acessórios, eletrônicos e alimentos, ela já esteve presente em pontos diferentes do Bairro Brasil, mas desde a década de 1980 passou a ser montada próxima à BR 116 e ao Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER), ao lado do Mercado Público Municipal de Vitória da Conquista.

No ano de 1986, deu-se início a construção do Mercado Público Municipal, em uma área que foi desapropriada para tal fim.

O Mercado Municipal passou a abrigar, em sua extensão, diversos boxes e na parte superior, alguns restaurantes. O funcionamento ocorre todos os dias da semana iniciando às 7 horas. O fluxo de pessoas é constante e se intensifica aos sábados e domingos quando ocorre a feira.

A construção do Mercado Público ocorreu pela necessidade de se proporcionar mais segurança, abrigo e comodidade aos feirantes, no entanto, a feira não deixou de ocorrer ao lado do Mercado. Com a estrutura de restaurantes e sanitários presentes no Mercado, a feira cresceu e se intensificou aos arredores dele, configurando uma relação de complementariedade que reforçou a necessidade da presença da feira. Para os comerciantes do Mercado, a presença da feira aumenta o fluxo de pessoas nos boxes.

O uso dos boxes dentro do mercado confere comodidade e acolhimento para os feirantes e fregueses e também favorece tanto a exposição dos produtos quanto a circulação entre um pavilhão e outro, ou entre os restaurantes que atendem as pessoas que circulam no mercado e os comerciantes próximos a estes estabelecimentos.

Na Figura 18, observa-se a execução da obra de construção do Mercado Municipal.

Figura 18 – Construção do Mercado Municipal de Vitória da Conquista, 1986.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista, 2018

Na Figura 19, uma comparação das fotografias feitas do mesmo lugar com o Mercado em funcionamento atualmente.

Figura 19 – Mercado Municipal de Vitória da Conquista, 2018



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Entre os prédios que compõe o Mercado Municipal existem espaços que passaram a ser ocupados pelos feirantes e as barracas e os tabuleiros montados para abrigar os produtos se espalham entre o mercado e a feira. Ao caminhar entre eles os espaços se confundem, tamanha a interdependência que se estabeleceu no lugar e somente um olhar muito atento consegue especificar onde começa e onde termina o mercado e a feira.

Como pode ser observado na Figura 20, há uma relação de interdependência entre esses espaços, além de um vínculo capaz de borrar os limites e ressignificar as fronteiras.

Figura 20 - Ocupação entre os prédios do Mercado Municipal, Vitória da Conquista, 2018.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Com o espraio da feira é possível perceber que seu crescimento ao longo dos anos é bastante relevante para a materialização de uma rede de comércio e fluxo de mercadorias dentro do bairro e principalmente dentro da cidade. Sobre a territorialização do comércio no Bairro Brasil, Silva afirma:

A feira livre, enquanto primeira atividade desenvolvida pelos comerciantes desse bairro, deu início a esse processo, trazendo consigo relações e características próprias desse tipo de comércio, às quais foram fundamentais para o desenvolvimento desse território. A maneira como se criou um vínculo

estável entre moradores, comerciantes e aquele local deu origem e permitiu que esse território se materializasse no bairro Brasil (SILVA, 2015, p.19).

Como afirma Silva, a feira proporcionou um movimento de vínculo entre moradores e comerciantes do bairro, permitindo que o processo de materialização do lugar se efetivasse. Ainda hoje o vínculo dos moradores com os feirantes é significativo. Como a feira é montada e desmontada toda semana, impreterivelmente ao fim da tarde dos sábados, para funcionar aos domingos, muitos moradores ficam impedidos de utilizar garagens e os portões, pois as calçadas das suas casas ou estabelecimentos são tomados por feirantes expondo seus produtos, como demonstram as Figuras 21 e 22.

Figuras 21 e 22 - Feirantes em frente a entradas de garagens, feira do bairro Brasil, em Vitória da Conquista, 2018.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

O que poderia gerar um caos nas relações de sociabilidade é contornado pelo vínculo de amizade que se estabelece e também do entendimento acerca da importância da feira para os feirantes.

O Senhor Pedro, que mora em uma das ruas em que a feira é realizada aos domingos, quando perguntado se a feira atrapalha sua rotina, responde. “Olha, é um caso pra você ter paciência, né?! Quando precisa tirar o carro aí tira e coloca na rua e depois sai, porque se deixar pra tirar quando a feira começa aí já era, mas as pessoas precisam, né?! Então a gente entende”⁶. Os feirantes ocupam as ruas e, por isso, o acesso com carros e motos fica impossibilitado e a única forma de circular pela feira que ocupa as ruas é a pé, mas, mesmo com a mudança na rotina dos moradores que, além da frente da casa ocupada pela feira, convivem com o

⁶ Senhor Pedro, 42 anos, morador do Bairro Brasil. Entrevista concedida em outubro de 2018.

movimento de pessoas e os sons e cheiros/odores característicos de uma feira, entendem que é algo importante para o bairro e para as pessoas que vivem como feirantes.

O Senhor Jairo que mora em frente a feira, em entrevista, explica: “Aqui era uma complicação pra gente sair, e eu que tinha caminhão toda vez tinha que tira cedo, mas agora fez esse arranjo aqui de passagem de carro e as barracas mais pra lá, ficou melhor. Mas a feira também diminuiu”⁷. A observação do Senhor Jairo, de que a feira diminuiu, pôde ser verificada na pesquisa de campo. Anteriormente se presenciava as duas ruas laterais ao Mercado Municipal tomadas pela feira e, atualmente, só se verifica uma rua ocupada pela feira. Alguns feirantes atribuíram a redução da feira à crise econômica e às dificuldades de plantar em razão da seca e questões financeiras.

A Figura 23 é uma fotografia da Feira do Bairro Brasil em um domingo habitual de feira e, ao fundo, se observa o Mercado Municipal de Vitória da Conquista.

Figura 23 – Feira e Mercado Municipal de Vitória da Conquista, 2017.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018

As barracas permanecem como modelo para setorização da mercadoria e organização dos produtos e, enfileiradas, formam ruas que dão acesso à passagem de pessoas, carrinhos ou até carroças para transportar as mercadorias. A integração das barracas com o Mercado ocorre

⁷ Senhor Jairo, 47 anos, morador do Bairro Brasil. Entrevista concedida em janeiro de 2019.

de forma natural, ocupando as paredes laterais, os corredores e a frente do mercado, em uma simbiose que se torna difícil separar Mercado e feira quando esta está montada.

Interessante perceber que o modelo de barracas montadas e aglomeradas em um mesmo espaço é essencial para dar forma à feira. Essa unicidade pode ser contemplada nas Figuras 24 e 25, que exibem uma pequena parte da feira do Bairro Brasil na cidade de Vitória da Conquista.

Figuras 24 e 25 - Barracas na Feira do Bairro Brasil, Vitória da Conquista, Bahia, 2017.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Esta feira é montada todas as semanas entre sábado e domingo, muitos feirantes que também trabalham na feira da Ceasa transportam suas mercadorias para o Bairro Brasil e montam as barracas com os produtos que sobraram da feira do dia anterior. Um número considerável de pessoas circula por ela todas as semanas, entre elas produtores rurais, pessoas de regiões próximas e comerciantes, devido à diversidade de produtos oferecidos e a sua extensão.

As barracas firmam-se e sustentam-se umas às outras em um imenso tecido que abriga os alimentos, as pessoas e as relações que ali se processam. Durante a pesquisa não foram encontrados documentos que estabelecem uma regularização específica com relação ao tipo de lona que deve ser utilizado pelos feirantes, nem material específico que deva ser utilizado na construção da estrutura da barraca. A falta de um documento que regulamente esse processo pode conferir insegurança aos fregueses e aos feirantes, porém, a heterogeneidade na escolha dos materiais para as barracas também confere o aspecto de espontaneidade e diversidade presentes na feira.

O uso das barracas é tão expressivo que na Figura 26, apresentada a seguir, em um registro feito há quarenta anos na principal feira da mesma cidade, é possível perceber que as formas das barracas são muito parecidas e visualmente elas causam impacto muito semelhante no que se refere às suas estruturas atuais.

Figura 26 - Barracas na Feira de Vitória da Conquista, Bahia, 1978.



Fonte: Acervo do Arquivo Público Municipal, 2017.

A feira apresentada na Figura 26 acontecia em torno do Mercado, inaugurado na década de 1970. Sobre o Mercado, Teixeira enfatiza que

[...] na década de 1970 a dinâmica econômica do Mercado ocorria de forma mais intensa, contudo, com a construção da Central de Abastecimento (CEASA), de outros mercados e de feiras livres em outros bairros da cidade a dinâmica econômica do Mercado foi gradativamente se enfraquecendo. (TEIXEIRA, 2018, p. 109)

A afirmação de Teixeira confirma que mesmo com a construção dos Mercados Municipais as feiras não deixaram de ser realizadas e mesmo com a dinâmica estrutural modificada, ainda constituem um elemento importante na representação econômica e social da cidade.

Um elemento que dificilmente é reproduzido por lojas ou mercados e que pode ser observado nas Figuras 27 e 28 é a luz refletida pelo sol, que proporciona às barracas e aos alimentos um tom bem diferente em cores que vão se modificando à medida que se caminha entre elas. Esse movimento instiga o olhar, pois as nuances diferentes de cores entre os alimentos também estimulam os outros sentidos e agregam à feira um atrativo maior e provoca o desejo de melhor explorar o que ela tem a oferecer.

Figuras 27 e 28 - Barracas da Feira do Bairro Brasil, Vitória da Conquista, 2018.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

A tradição de montar barracas é algo que proporciona resistência das feiras no espaço, o que lhe atribui dinamismo, movimento e gera afeto. Além disso, o que pode ser experimentado embaixo das lonas, seja na negociação demorada, seja no reencontro de um amigo, seja nas inferências sobre as demandas do lugar, torna o ato de comprar mais prazeroso e divertido. As barracas são organizadas em setores de alimentos como frutas, verduras e legumes, queijos e biscoitos, e alimentos processados que vão encontrando seu lugar entre tantos outros.

Muitas vezes, para atrair os olhares dos consumidores, a imprensa ou a mídia trata a feira como sinônimo de sujeira, insegurança, barulho e transtorno, em uma tentativa de voltar os olhares do consumo para produtos industrializados, partes de uma cadeia produtiva que insere diferentes setores de comercialização.

A cadeia produtiva engloba setores que vão desde a produção de determinado produto, como o trigo por exemplo, até a embalagem e comercialização de farinhas ou derivados deste. Enquanto a mandioca e a tapioca não conseguem lugar de destaque nos supermercados ou na mídia.

Assim, a feira apresenta-se como lugar de comércio informal, o que para Santos se caracteriza como o circuito inferior da economia que

[...] é formado de atividades de pequena escala, servindo, principalmente, à população pobre; ao contrário do que ocorre no circuito superior, essas atividades são profundamente implantadas dentro da cidade, usufruindo de um relacionamento privilegiado com sua região (SANTOS, 1978, p.38)

Em relação ao circuito superior Santos (1978) diz que ele emana diretamente da modernização tecnológica e não está ligado ao local ou regional, mas sim às atividades diretamente ligadas ao comércio exterior.

Nesse sentido, as feiras apresentam de modo bem específico as características do circuito inferior, seja no que se refere as relações personalizadas com os fregueses e as relações de trabalho que são muitas vezes familiares, seja na utilização da publicidade de forma incipiente, ao contrário do circuito superior que utiliza em massa estes serviços. Contudo, estratégias anteriormente utilizadas apenas no circuito superior passaram a fazer parte do cotidiano das feiras como pode-se observar nas Figuras 29 e 30 com a propaganda sobre o uso do cartão de crédito,

Figuras 29 e 30 – Propaganda para pagamento com cartão na Feira, Vitória da Conquista, 2018.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

O uso de cartões de débito ou crédito na feira tornou-se comum, mesmo com toda a simplicidade que as barracas se apresentam, o acesso a essa tecnologia atende à necessidade de comercialização, à necessidade de vender e isso faz com que muitos feirantes se aperfeiçoem no uso e na aquisição dessa tecnologia, para “não perder venda” como afirma uma feirante.

E mesmo diante da pressão mercadológica do capital e da mídia, com propagandas incansáveis sobre os melhores produtos e os melhores supermercados, as feiras permanecem com dinamismo e movimento, pois

[...] as feiras representam importantes áreas de circulação na cidade, tanto circulação de pessoas, como de capitais. Em geral seus principais produtos são de origem agrícola, todavia os industriais e artesanais também são comercializados, como roupas, sapatos, utensílios domésticos, bijuterias, etc. É essa diversificação de mercadorias e de pessoas que faz das feiras livres locais únicos e de importante análise, pois como os produtos e as pessoas que nelas estão presentes são provenientes de várias outras regiões, implicam sempre numa constituição de redes e fluxos (COSTA, 2016, p. 210).

Os saberes associados ao uso de cadernetas, notinhas ou listas com os nomes dos fregueses e anotações sobre compras ou pedidos daqueles que costumam pagar mensalmente se associam a outros recursos como o uso de máquinas de cartão de crédito ou débito, destacado na Figura 31. Ao ser perguntado sobre o uso de notinhas Sr. José afirma: “Vixe! o caderno tá cheio! Hoje até que não, que a gente já botou a maquineta e com o cartão já mudou muito, mas tem muita gente que só compra na notinha”.⁸

Figura 31 - Uso de máquina para pagamento na Feira da Ceasa, Vitória da Conquista, 2018.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Para o Sr. Lucas, que possui uma barraca de salgados e lanches, e também usava notinhas para as vendas (Figura 32), mas não usa máquina, a resposta foi diferente, “Tinha muita gente abusando da oportunidade, eu tinha cliente de 15 anos que comprava em nota, mas não compensava porque o dinheiro ficava parado, aí eu parei de vender com nota”.⁹

Os pagamentos feitos nos cartões se associam aos registros em cadernetas que mesmo com a inserção da tecnologia insistem em se manter.

⁸ Sr. José, feirante há 32 anos. Entrevista concedida em outubro de 2018.

⁹ Sr. Lucas, 39 anos, feirante há 15 anos. Entrevista concedida em outubro de 2018.

Figura 32 - Uso de notas para pagamento na Feira da Patagônia, Vitória da Conquista, 2018.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Para Santos (2008, p. 250) no circuito inferior as relações comerciais baseiam-se no baixo investimento de capital e na relação de confiança com o cliente e “[...] a discussão que se estabelece entre o comprador e o vendedor sobre o preço de uma mercadoria” possibilita a negociação e a aproximação entre estes.

As barracas também proporcionam diversidade à feira, pois aproximam os que constroem as barracas dos que circulam por elas e isso possibilita um ambiente acolhedor e descontraído, ao mesmo tempo em que torna esse lugar diferente de qualquer outro. Tal aspecto tem sido relevante aos olhares de hipermercados que tentam reproduzir o modelo em seus estabelecimentos como forma de atrair os consumidores e assim há todo um estudo para criar um ambiente informal ou de proximidade com os consumidores. Sobre a comercialização feita em mercados Wille e Menasche afirmam que

[...] comprar alimentos tornou-se um trabalho qualificado que exige uma escolaridade de vários anos. É preciso ler, examinar, comparar e, principalmente, combinar todos esses fragmentos de saber para poder mobilizá-los no instante da compra (WILLE e MENASCHE, 2015, p. 90).

O ato de examinar as mercadorias usando os sentidos, como a visão, para observar a qualidade dos produtos; o tato, para apalpar os alimentos; o olfato e até mesmo o paladar, na

experimentação de alguma fruta ou biscoito, são gestos observáveis com frequência nas feiras e não são possíveis de serem observados nos supermercados.

A dinâmica da experimentação e observação que se passa na feira não se realiza nos supermercados devido as embalagens dos produtos naturais ou produtos industrializados, como os que se encontram em conserva. Além dessa experimentação não ser comum nos mercados ainda há avisos que inibem tal prática como placas de “Proibido degustar alimentos no interior do mercado”. Wille e Menasche enfatizam que

[...] na mudança ocorrida com a industrialização da alimentação, para fazer boas compras, foi preciso aprender novas táticas. Antes, a visita ao mercado era o momento de um maravilhoso ballet de gestos, piscadelas de olho e mímicas: o dedo indicador afastava a folhagem das frutas para permitir observar o grau de maturidade da polpa, o polegar apalpava a firmeza dos rabanetes. Hoje compramos os mantimentos acondicionados de tal maneira que exigem uma gama de gestos anteriores a qualquer preparação culinária. Para fazer compras, é preciso, sobretudo, gostar de ler e saber decifrar as etiquetas. (WILLE e MENASCHE, 2015, p. 90)

A dinâmica da feira não pode ser reproduzida, acima de tudo, pela ausência de alguém que possa intermediar a compra, como um feirante faz. Na Figura 33 é possível perceber a arrumação criteriosa das frutas e legumes em uma tentativa de reprodução das barracas na feira.

Figura 33 - Frutas e legumes expostos em um supermercado de Vitória da Conquista, 2019.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

Os supermercados, diferentemente das feiras, aparentam ser armazéns de produtos apresentados com a estética de alimentos saudáveis para atrair consumidores, de forma que a estética da feira parece ser reproduzida, já a dinâmica do cotidiano do lugar e das relações não. Sobre isso, Mascarenhas afirma:

No ambiente festivo e amistoso da feira livre, em que brincadeiras acontecem com frequência, é restituído um pouco do sentimento de solidariedade e simpatia perdida na sociedade moderna. É fato que estes sentimentos não serão legítimos, uma vez que a feira livre está inserida na sociedade moderna e é criação desta. Mas, em contraposição ao ambiente frio e formal dos supermercados, as feiras constituirão um verdadeiro reduto comunitário dentro da cidade de concreto (MASCARENHAS, 2008, p.81).

Durante a pesquisa nas feiras foi possível perceber que os fregueses se aproximam das barracas normalmente com uma linguagem próxima, amigável, cumprimentando o feirante, ou já pedindo uma determinada mercadoria encomendada com antecedência, os fregueses também conversam entre si e comentam sobre a qualidade dos produtos, as preferências, trocam experiências dicas e receitas. Toda essa partilha possibilitada pelo ambiente informal aproxima as pessoas. A afirmação de Mascarenhas se evidencia na narrativa da Senhora Marinalva que, ao ser perguntada sobre os motivos que a fazem frequentar da feira, explica:

É bom demais porque na feira você escolhe, você pede uma pechincha, né não?! No mercado não, o preço tá lá e é aquele mesmo e acabou.
O negócio é o seguinte, quando você vai na feira é bom porque a gente conhece pessoas, conversa com vendedores. No mercado você chega ali, pega, bota lá no caixa e é X, nem fala assim: bom dia senhora!
E aqui é outra coisa, **todos os vendedores que eu compro são meus amigos!**¹⁰

O que a Senhora Marinalva revela quando diz que todos os vendedores são seus amigos é o significado que a feira tem para ela e a importância que exerce na sociedade, no que se refere a elaboração cultural e social do cotidiano na constituição do lugar, pois este se faz também pelas experiências, pelos afetos, pela presença de cada sujeito com suas narrativas e lembranças aferidas àquele espaço.

É importante ressaltar que os fregueses são aquelas pessoas que frequentam a feira semanalmente ou, pelo menos, uma vez ao mês, além disso, não são apenas aqueles que

¹⁰ Senhora Marinalva, 75 anos, frequenta feiras há mais de 50 anos. Entrevista concedida em outubro de 2018.

compram seus produtos, mas que de alguma forma mantém relações de sociabilidade neste lugar.

Para Sá, a feira é “[...] um espaço que constitui e caracteriza as ‘franjas’ do capitalismo moderno, crucial em diversos aspectos à continuidade dinâmica de seu funcionamento contemporâneo” (SÁ, 2011, p.41). Mesmo com as transformações ocorridas nas relações trabalhistas, de produção e de comércio a resistência das feiras no tempo está ligada a força das relações sociais que se caracteriza por um conjunto de comportamentos e de atributos que continuam presentes, enraizados, marcados, comportamentos que muitas vezes se apresentam como tradições¹¹.

Com o crescimento da cidade, as ruas ou as praças que abrigavam as feiras, se modificaram para dar lugar às outras construções, outras funções, porém, mesmo com outros remodelamentos na arquitetura ou na cultura local, a feira está cada vez mais viva!

¹¹ O conceito de tradição é entendido aqui segundo a abordagem de Cruz (2017) que afirma: “uma tradição não precisa necessariamente ser antiga, pois não é esse o único e principal fator que a define algo como tradicional. De todo modo, deve ter uma dimensão de envolvimento com o passado e com a persistência no presente”. (CRUZ, 2017, p. 188)

MEMÓRIA SOCIAL E LUGAR FEIRA



*O mundo dos velhos, de todos os velhos, é,
de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória.
Dizemos: afinal somos aquilo que pensamos e amamos, realizamos.
E eu acrescentaria: somos aquilo que lembramos.*

Norberto Bobbio

3 MEMÓRIA SOCIAL E LUGAR FEIRA

*Não há pior cegueira que a de não ver o tempo.
E nós já não temos lembrança senão
daquilo que os outros nos fazem recordar*

Mia Couto.

A produção do espaço se faz por meio das vivências e da contribuição de cada sujeito social, seja pelo trabalho, pela cultura, pelas narrativas e pelas modificações materiais ou imateriais. As cidades abrigam esses espaços e no seu cotidiano forma-se uma teia de relações sociais que adquirem significado e o configuram como lugar. Sobre a memória das cidades Abreu afirma:

A história e a memória de uma cidade não se constroem, entretanto, apenas nesse espaço. Elas precisam também daquele espaço concreto, daquele espaço onde se desenrola a vida cotidiana. Um espaço complexo, preenche de singularidades. Um espaço onde dominam não apenas as determinações, mas também as contingências. (ABREU, 1998, p.91)

As espacialidades das relações humanas se materializam no lugar e constituem o processo de produção do espaço. Com esse entendimento, Mendes considera que “[...] a categoria lugar é essencial à análise do espaço geográfico” (2015, p. 971).

O lugar é a manifestação espacial das experiências e da comunicação humana, sem as vivências individuais e sociais não há memória e não há produção do espaço, o vínculo é, portanto, inevitável. Para Costa (2008, p.152), “[a] identidade que o indivíduo mantém com o lugar é articulada com uma relação de proximidade imediata e aí ele se define, se constrói através dos conhecimentos de seu entorno imediato”.

Por meio da reflexão sobre as vivências dos grupos de fregueses e feirantes, surge o reconhecimento da feira como lugar de espontaneidade da memória para os sujeitos que se relacionam ou se relacionaram com este espaço e permite uma análise que considera os ambientes onde são tecidas as histórias individuais e coletivas lugares de combinações de experiências e relações sociais, ou seja, lugares que permitem o reconhecimento do *constructo* social da memória (HALBWACHS, 1990) e são capazes de revelar o que as práticas cotidianas dizem sobre este espaço.

A reflexão sobre o lugar é potencializada por meio da vivência do sujeito social, assim, importa o modo como ele vê e o que ele diz sobre esse lugar. Para Nora, existe o lugar de memória¹² que se caracteriza por apresentar três sentidos: o material, o simbólico e o funcional. Analisar a feira como lugar de memória e compreender as relações que se estabelecem entre os seus grupos sociais revela sua importância para se compreender a produção do espaço na cidade.

Nesse contexto, a feira apresenta sentidos que se entrecruzam e é possível identificar o sentido material por se concretizar desde a sua organização e montagem das barracas até a consolidação na venda dos produtos, mas também fortemente constituída pelo sentido imaterial e simbólico presentes nas relações de sociabilidade, pois os grupos sociais que circulam na feira se reconhecem como feirantes e fregueses e estes constituem esse lugar e recriam cotidianamente seus ritos possibilitando reforçar um sentimento de formação de identidade e pertencimento. Sobre o lugar de memória, Nora afirma que

[...] a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial [...] para prender o máximo de sentido no mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações (NORA, 1993, p.22).

Ao analisar a feira, sua função, forma e representação material e simbólica, é possível identificar que ela se faz entre uma metamorfose de tradições e de ressignificações e constitui-se inegavelmente como lugar de memória, cada vez mais imprevisível em suas ramificações.

A feira também se destaca como lugar onde se presencia diversas narrativas. A linguagem é um elemento forte e evidente, que traz à tona histórias diferentes, possibilitando uma (re) conexão com a memória do lugar. O Sr. José trabalha com biscoitos, queijos e doces artesanais na feira desde a inauguração dos pavilhões cobertos e relembra com saudade:

Eu lembro até quando fundou aqui que teve até um show daquele cantor Amado Batista, [risos] eu não curto mais hoje, mas na época eu curtia! Eu comecei com meu pai, trabalhando com ele, ele tinha um ponto aqui e aí ele comprou esse ponto aqui e me deu. [...] Era tão bom naquela época, que a gente vinha pra cá as 3h da manhã e hoje o comércio tá tão diferente. Antes as

¹² Termo proposto por Pierre Nora (1993), o significado de lugar de memória está relacionado a lugares que tem como função estabelecer uma ligação entre o passado e o presente, considerando a necessidade da preservação das memórias coletivas em lugares como museus, arquivos e bibliotecas. Contudo, o autor menciona que outros lugares podem constituir-se em lugares de memória, quando a história de vida e as memórias dos sujeitos sociais são fortemente relacionados a esses lugares.

10 horas da manhã você podia ir pra casa que a mercadoria já tinha acabado, hoje as vezes fica até de tarde.¹³

A lembrança do Sr José permite compreender a importância da memória social na análise do lugar, pois a compreensão da memória possibilita identificar a essência das relações, das apropriações materiais e simbólicas que configuram a totalidade do espaço e do tempo. Segundo Relph, “A essência do lugar é a de ser o centro das ações e das intenções, onde são experimentados os eventos mais significativos de nossa existência” (RELPH, 1976, p.8).

A forma como são dispostos os elementos que constituem as feiras não sofreram muitas alterações; a permanência do modelo ou de alguns elementos no lugar feira se caracteriza como rugosidades, que na definição de Santos é

[...] o que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos (SANTOS, 2006, p.140).

As rugosidades são os aspectos adaptados em um tempo anterior e que perduram atribuindo as ações ou usos atuais suas possibilidades como construções espaciais. As rugosidades podem ser categorizadas não somente como elementos físicos, mas, sobretudo, como instrumentos das relações que se conectam ao seu passado histórico.

Diversas são as rugosidades presentes na feira que vão desde a organização dos espaços até as permanências de objetos. Exemplos desses objetos são cestos de palha e as balanças que eram utilizados para pesar ou selecionar os produtos, conforme expostos Figuras 34 e 35.

¹³ Senhor José, 50 anos, feirante há 32 anos. Entrevista concedida em outubro de 2018.

Figuras 34 e 35 - Cesto de palha e balança na feira do bairro Brasil, 2018.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

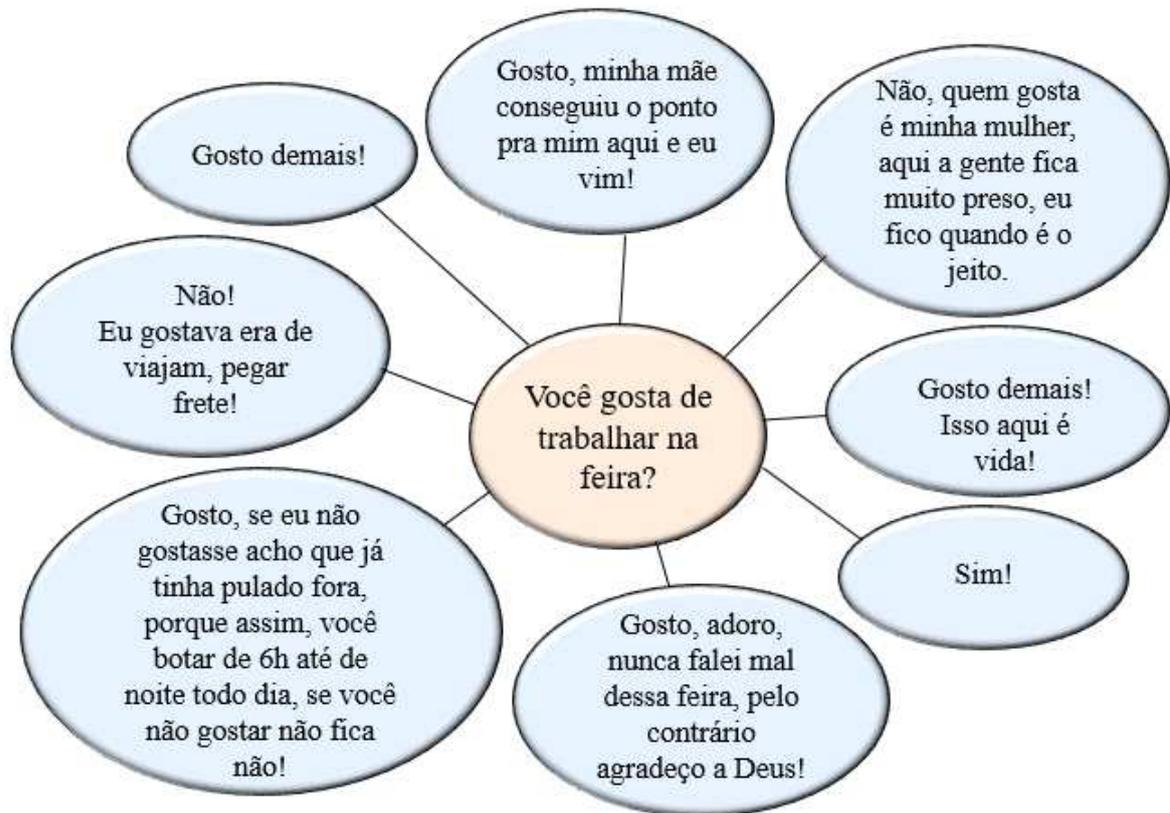
Os cestos de palha são elementos recorrentes na feira, utilizados para conduzir frutas e legumes à balança e hoje, apesar de ainda resistirem como rugosidades, estão sendo substituídos aos poucos pelas bacias de plástico. Segundo uma feirante, as bacias de plástico são mais leves, ocupam menos espaço, são mais práticas para carregar e higienizar. As balanças que utilizam diferentes medidas de pesos também perduram no tempo e exercem a mesma função e ainda que existam balanças mais modernas e mais leves, as antigas não foram substituídas.

O ato de ir à feira tem diferentes significados que estão ligados às necessidades humanas e que são impregnados de valores culturais e econômicos, ligados ao lugar, gerando rugosidades. Isso reflete na memória social, como ligação entre o tempo passado e o tempo presente na produção do espaço, uma vez que a memória social é materializada no lugar. Nora afirma que

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular de nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais (NORA, 1993, p.7).

É possível dizer que as feiras na cidade de Vitória da Conquista revelam a importância que os diferentes sujeitos sociais atribuem a este lugar. Dessa forma, o sentimento de pertencimento a um lugar é exposto, sentido, materializado e este sentimento de pertencimento pode ser observado na Figura 36, que apresenta a opinião dos feirantes sobre gostarem ou não de trabalhar na feira.

Figura 36 – Pergunta aos feirantes se gostam de trabalhar na feira, Vitória da Conquista, 2018.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Dos vinte feirantes que concederam entrevista formal durante a pesquisa, quinze disseram que gostam de trabalhar na feira e apresentaram nas suas narrativas uma boa relação com o lugar e com os feirantes vizinhos. Os feirantes que disseram não gostar de trabalhar na feira apresentaram argumentos como ter outro trabalho ou que mesmo não gostando fazem o melhor que podem no seu trabalho.

Nesse sentido, as feiras são marcadas como lugares de encontro, caracterizadas como fenômeno econômico e social, mas também são mosaicos, espaços em que a multiplicidade se manifesta e se completa. São os lugares onde muita coisa se realiza ao mesmo tempo, onde os sons se entrelaçam em sutil harmonia e as coisas se ajeitam em uma aparente desordem. Sobre as feiras, Vedana ressalta que

[...] foi a partir dos espaços de feiras-livres e das relações e interações estabelecidas entre seus frequentadores que passei a me indagar sobre estas formas de vida diversas que compõe a dinâmica urbana, na qual um ato, aparentemente simples, como a compra de alimentos, pode estar carregada de significados que ultrapassam a razão que envolve no que tange a tessitura das relações sociais presentes à sociedade contemporânea (VEDANA, 2004, p.11).

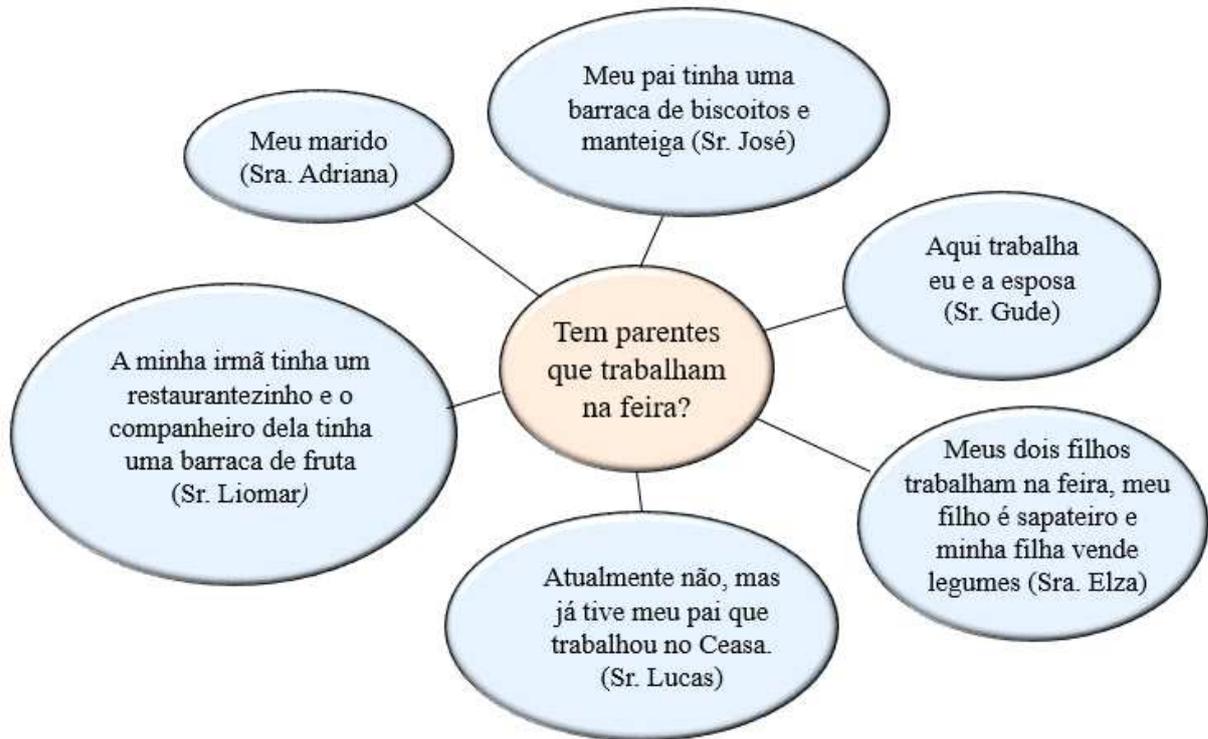
É nessa tessitura de relações sociais que a feira vai se constituindo dia a dia. A feira é composta por lugares com a temporalidade e a espacialidade móveis e ela é resultante do estabelecimento de várias relações, inclusive as de poder, como os setores formais e informais do comércio.

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no Decreto nº 3551, de 4 de agosto de 2000, no Artigo 1º, ficou instituído que os bens culturais de natureza imaterial seriam registrados em livros e no mesmo decreto no inciso IV, é instituído o “Livro de registro dos lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas”. Isso caracteriza as feiras de forma geral como patrimônio inserido na memória coletiva.

Para Araújo, “[...] as feiras contemporâneas, diante de suas múltiplas características, enquadram-se direta ou indiretamente em todas estas categorias que se configuram como patrimônio imaterial” (ARAÚJO, 2013, p. 6), pois abarcam as principais características apontadas nesses livros, como os saberes enraizados no cotidiano, as formas de expressão que estão presentes nos fazeres dos feirantes, as celebrações que estão associadas a cultura e comércio de alimentos utilizados em festejos juninos, isso configura a feira como lugar de sociabilidade onde se reproduz práticas sociais coletivas.

No que se refere a permanência na feira é possível perceber que as relações de parentesco são intensas e recorrentes o que ocorre, possivelmente, por conter no Código de Polícia Administrativa que o ponto comercial da feira só pode ser passado para o cônjuge após falecimento ou herdeiro mais velho, o que faz com que as relações sejam atreladas aos parentes, como demonstra a Figura 37. Verifica-se, ainda, relações entre irmãos, cunhados ou tios, o que expressa que o trabalho na feira afeta a família como um todo e alarga as relações de amizade no lugar.

Figura 37 – Relações de parentesco nas feiras de Vitória da Conquista, 2018.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

A figura expressa que os feirantes possuem uma relação de proximidade com a feira que perpassam gerações e isso afeta diretamente as relações entre os sujeitos e fortalece as relações de sociabilidade que se estabelecem com o lugar.

O Artigo 123 do Código de Polícia Administrativa do Município de Vitória da Conquista, lei 695/93, no capítulo IV, discorre sobre as feiras livres e do comércio eventual se estabelece que:

Para o exercício da atividade de feirante nas feiras livres e cobertas é necessária licença da Administração Municipal e matrícula. Parágrafo Único - Ao produtor rural será permitido, quando não exerça a atividade de feirante, ocupar espaços nas feiras livres e cobertas para vender diretamente ao consumidor seus produtos, mediante pagamento de taxa de licença. (VITÓRIA DA CONQUISTA, 1993, p.13)

A determinação da lei foi confirmada pelos feirantes nas entrevistas em que eles disseram possuir um registro do ponto e que eventualmente eram submetidos à fiscalização do documento.

No que se refere a substituição da matrícula ou licença para uso do espaço na feira, foi verificado durante as entrevistas que feirantes que ocupavam as barracas não eram exatamente

aqueles que haviam conseguido a licença. Ao serem indagados há quanto tempo estão na feira, foi possível perceber que não estavam regularizados conforme o código de polícia administrativa, visto que havia feirantes que estavam ocupando um lugar que não condizia com o Artigo 126, que estabelece:

No caso de falecimento do feirante produtor ou revendedor terá prioridade para obtenção de matrícula em substituição, a viúva e na sua falta o herdeiro mais velho. Parágrafo Único - O exercício deste direito deverá ser manifestado no prazo de 30 (trinta) dias contados do óbito e não havendo manifestação, a matrícula será deferida a quem a requeira. (VITÓRIA DA CONQUISTA, 1993, p.14)

Percebe-se que mesmo na apropriação da feira como lugar de memória, não é somente dessa forma que se pretende defini-la, pois ela não é apenas lugar de memória, mas também lugar onde a ordem econômica é condicionada aos padrões estruturados e ao mesmo tempo surgem formas diferentes de comercialização, como o local específico para a comercialização de frutas, separado logisticamente do local de comercialização de carnes, dentre outras especificidades.

Apesar de a feira se constituir como espaço de comercialização é também é o lugar dos afetos, da comunicação, da espontaneidade, da confiança e da criatividade e o conjunto dessas manifestações diversas. Assim, “a memória busca sempre essa vinculação com um lugar que a consolida, pois é neste que as experiências se materializam” (MENDES e MENEZES, 2015, p.5) e permite à reflexão sobre a produção do espaço.

3.1 O Lugar na construção da memória social

*Memória é coisa recente. Até ontem, quem lembrava?
A coisa veio antes, ou, antes, foi a palavra?
Ao perder a lembrança, grande coisa não se perde.
Nuvens são sempre brancas. O mar? Continua verde.*

Paulo Leminsk

A feira é comumente conceituada como o lugar onde ocorre a negociação ou a comercialização de produtos, mas para além da forma explícita do comércio, a feira é um lugar de trama social que modifica quem nela se envolve. Para Massey, “[...] o lugar, em outras

palavras, nos modifica não a partir de um pertencimento visceral, mas a partir da prática do lugar, da negociação das trajetórias que se intersectam” (2008, p. 219-220). Com a afirmação do autor é possível perceber como a feira livre potencializa a oportunidade de vivenciar o saber substancial e as diversas relações dos diversos espaços partilhados dentro da cidade.

O estreitamento das relações que se intersectam nesse lugar pode ser observado na afinidade da feirante Célia que quando perguntada sobre uma memória significativa que a vincula à feira, responde: “É a gente plantar, né?! Trazer os produtos orgânicos que a gente sabe que tá cuidando dos clientes da gente bem e da gente também, porque a gente não usa agrotóxico e sabe que é uma coisa saudável”.¹⁴

Para Célia, a relação de confiança estabelecida com seus fregueses, no que diz respeito aos produtos que oferece, tem tanta relevância que é a primeira lembrança que ela expressa ao ser indagada sobre a feira.

Na feira, as experiências estão diretamente associadas à memória pois “[...] cada lembrança individual é um ponto definido em relação a lembrança coletiva, isso deve ser observado como força para o acaso que circula a todos os membros da comunidade” (SANTOS e COQUEIRO, 2017, p.181), assim, as feiras são carregadas de significações humanas e vivências do cotidiano e são impregnadas de infinitas possibilidades de análises e informações que estão presentes nas memórias desses sujeitos sociais e daqueles que herdaram suas memórias.

A percepção de diferentes temporalidades e espaços pode proporcionar a compreensão do que se apresenta além de nós, entendimento do outro, das coisas, do que está ao redor. Tudo isso, atrelado a compreensão dos sentidos, provoca em nós um estado de lembrança, ancora a memória, e os acontecimentos não são mais deixados de lado na escolha entre lembrar e esquecer. Para Halbwachs (1990) são como “sementes de rememoração”.

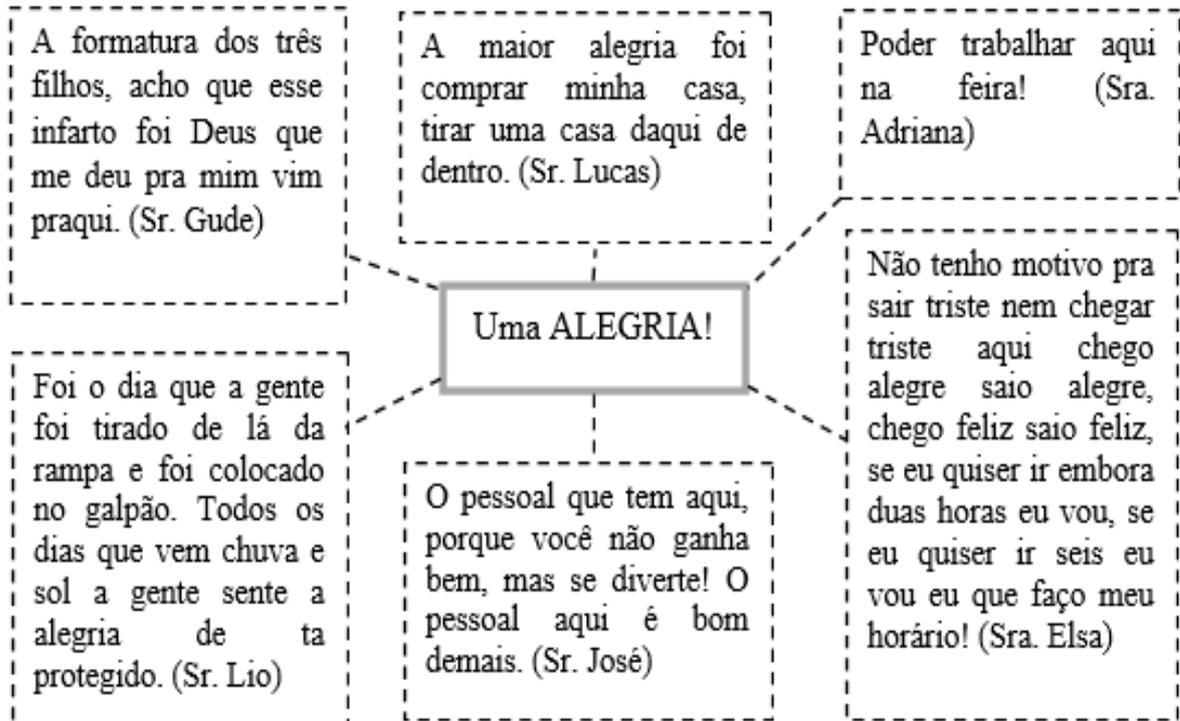
O tempo que uma semente demora para forma-se é a memória social em si, que para Abreu, “[...] vive das pausas, dos momentos de silêncio, lugar entre movimentos” (2016, p.47). Assim, Abreu evidencia a importância de flânar¹⁵, de observar, para que haja essa fixação da memória. Para que uma memória seja rememorada é preciso que haja vontade de memória, algo que desperte, que desponte, que sobressaia sobre o que está sendo visto repetidas vezes.

¹⁴ Senhora Célia, 42 anos, feirante há 20 anos. Entrevista concedida em outubro de 2018.

¹⁵ Termo utilizado por Abreu para enfatizar a arte de se distanciar para criar, proposta por Walter Benjamin “A *“flânerie”* emerge como saída possível, em que os sujeitos deixam de ser simples passantes para se transformarem em observadores, munindo-se dos distanciamentos críticos necessários a fim de criar novos sentidos para uma vida que parece apresentar apenas monótonas repetições” (ABREU, 2016, p. 47)

A experiência de trabalhar na feira, com as vivências no cotidiano desse lugar, trazem à tona acontecimentos que provocam recordações por meio de referências ancoradas nos quadros sociais de memória da feira como a palavra Alegria, que carrega toda a simbologia do sentimento, estimula nos feirantes as memórias vinculadas a este lugar, como sintetizado na Figura 38.

Figura 38 – Alegria como palavra de rememoração nas feiras de Vitória da Conquista, 2018.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Quando perguntados sobre uma Alegria vivenciada no lugar feira, os sujeitos sociais acionam lembranças marcantes de experiências vividas na feira, ou que tenha ligação com ela, e isso acontece porque

Mesmo quando constrói lembranças baseadas em experiências individuais, o sujeito precisa recorrer a instrumentos que lhe são fornecidos pelo meio social, **tais como as ideias e as palavras**. Só assim ele pode tornar sua experiência inteligível e comunicável, não só para os outros, mas também para si mesmo. O indivíduo absolutamente isolado não seria capaz de construir qualquer tipo de experiência, não sendo capaz também de manter qualquer tipo de registro sobre o passado. (RIOS, 2013, p. 5)

O poder que a memória possui de proporcionar uma experiência transformadora por meio de fatos comuns ou cotidianos a diferencia de fatos históricos. A memória coletiva

apresenta um papel fundamental na fixação das memórias individuais, pois “[...] não é na história apreendida, é na história vivida que se apoia nossa memória” (HALBWACHS, 1990, p.60). Por isso, as memórias dos feirantes, os quadros sociais de memória que se formaram no tempo/espaço constroem pensamentos, reflexões e imaginações que fecundam os sentimentos e transformam-se em lembrança ou esquecimento. Isso permite “[...] a formação de memórias, que cumprem uma função social fundamental: elas contribuem para a manutenção e coesão dos grupos, na medida em que ajudam a produzir o sentimento de identidade entre seus membros” (RIOS, 2013, p. 5). Por meio das memórias, o grupo contribui para a construção de um sentimento de comunidade e identidade que confere materialidade e estabilidade ao modo de vida no lugar.

Tanto Halbwachs como Pollak possuem semelhanças nos estudos sobre a memória social que se referem a construção do sentimento de identidade de indivíduos e grupos.

Segundo Pollak, é importante lembrar que a memória é constituída basicamente por três elementos: os acontecimentos, as pessoas e os lugares. Eles podem refletir fatos vivenciados ou projetados por outras pessoas ou grupos e, sobre isso, Pollak (1992, p. 204) afirma que “[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade de uma pessoa”; essa construção identitária vai ocasionar o reconhecimento do seu posicionamento no mundo, na cidade, no lugar e em suas experiências.

Isso possibilita o entendimento mais profundo da compreensão dos lugares para a memória social. Sobre a memória e o sentimento de identidade Pollak discorre que,

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata de memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade (...), a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida na maneira como quer ser percebida pelo outros (POLLAK, 1992, p. 204).

A afirmação de Pollak descreve de maneira singular o que as entrevistas com os feirantes apontaram como o seu reconhecimento como alguém que possui uma identidade e um lugar de memória e representação. A narrativa da feirante Marcela revela bem esse aspecto quando enfatiza:

Eu trabalho aqui desde 13 anos, eu vinha com minha vó, fia. Ficava aqui com ela pra ajudar. Aí depois minha vó ficou doente e depois morreu, daí minha tia assumiu aqui, mas não deu conta, aí eu fiquei vindo com ela. Depois minha

tia largou e eu assumi. Hoje eu trabalho na feira de Belo Campo, Barra do Choça e aqui (Feira do Bairro Brasil) e lá no Ceasa. Trabalho dia de sábado, domingo, segunda e quinta, cada dia num lugar! (Marcela sorri e faz gesto de força com as mãos, segurando uma bacia de plástico)
Aqui é só eu, sozinha, e sustento cinco filho. Né fácil não! Mas eu dou conta né!¹⁶

A narrativa e as memórias de Marcela expressam o quanto o lugar feira faz parte da sua essência, das suas vivências e da sua identidade como feirante, como mulher e como mãe. A feira é o seu lugar de representação, de história e de memória. Assim como Marcela, outros feirantes também expressam o mesmo sentimento de pertencimento ao lugar.

Um vendedor de lanche na Feira da Patagônia em Vitória da Conquista, ao ser questionado sobre algo que ele só encontra na feira, responde:

Algo que eu só vejo na feira é o **sentimento de comunidade**¹⁷ que não tem nos outros comércios, essa proximidade, que nos outros comércios são muito frios em relação a isso, cê trabalha numa loja, cê fala com um vizinho mal mal, aqui como cê ta de cara a cara todo dia então ou você fala ou você fala!¹⁸

O sentimento de comunidade exposto pelo feirante reafirma o que “[...] seria, portanto, a “função” da memória: ela participaria não só da criação do senso de igualdade entre os membros de uma dada coletividade, mas também da demarcação de fronteiras entre os outros” (RIOS, 2013, p. 10). De acordo com o autor, o senso de igualdade evidencia a importância da coletividade e do sentimento de comunidade para a configuração da memória social e sua vinculação com os lugares e grupos sociais.

Por tudo isso, a ancoragem da memória nos lugares está ligada à distribuição das ruas, das casas, das barracas, dos fregueses e dos feirantes na feira que expressam o movimento do cotidiano das vivências e das relações que a compõem.

No caso dos sujeitos que saem do campo para a cidade, a migração impõe uma mudança de hábitos internos e externos que precisam de uma rede para se sustentar. Para Cavalcanti (2002, p. 293), “[...] os migrantes mais antigos costumam fazer uso de racionalizações para encobrirem a dor do desenraizamento”, mas geralmente os mais jovens não conseguem e

¹⁶ Senhora Marcela, 36 anos, feirante há 23 anos. Entrevista concedida em outubro de 2018.

¹⁷ São aspectos distintivos de uma comunidade, dispor de uma área geográfica definida, estar unido por laços familiares, manter interesses em comum, compartilhar antecedentes e participar de uma mesma tradição histórica, confrontar os problemas por maior número de membros da comunidade criando-lhes um sentimento de pertencer ao grupo, relacionar-se entre si como membros da comunidade de forma generalizada, ser tributários de um corpo de instituições e serviços. (Artigo <https://queconceito.com.br/comunidade>).

¹⁸ Senhor Lucas, 39 anos, feirante há 15 anos. Entrevista concedida em outubro de 2018.

retornam para o lugar de origem. Essa afirmação do autor remete à importância do enraizamento e da memória para a sua própria reestruturação em outro lugar.

O Senhor Liomar, que trabalha na feira há 25 anos, se lembra com emoção de quando era criança:

O que eu mais guardo comigo é que antes de trabalhar no Ceasa eu vinha pra o Ceasa pra tentar garimpar alguma coisa né?! Tentar juntar umas cebolas que caia no chão, e aí eu pegava e as vezes pedia uma fruta, não ganhava né?!
 Aí um dia eu pegando uma fruta embaixo da banca, aí um homem veio e pisou nas minhas costas e falou: some daqui senão eu vou lhe bater!
 Eu mulequim na feira né?!
 Aí as vezes pedia uma coisa pra um num dava, pedia outro não dava, ia pegar carrego não ganhava... Aí quando eu adquiri um ponto meu eu falei: vou fazer diferente! Aí toda pessoa que vem pedindo eu dou! [...] porque eu me lembro desse dia, dessa vez...¹⁹

A narrativa do feirante reforça que a memória vai com o sujeito social, afeta suas relações, suas vivências; os sabores da infância, as brincadeiras, as dores e as alegrias de um lugar contribuem direta ou indiretamente para a construção social.

A narrativa é relevante para a compreensão do passado e do presente, assim como da importância de se estabelecer correspondências entre as rupturas e as continuidades históricas, como fonte de entendimento para uma época.

Nesse contexto, o primeiro passo para a reconstrução da “memória das cidades”, que para Abreu corresponde “[...] ao estoque de lembranças que estão eternizadas na paisagem ou nos registros de um determinado lugar, lembranças essas que são agora objeto de reapropriação por parte da sociedade” (ABREU, 1998, p. 89), é entender o processo do lugar em seu tempo histórico, que se desenvolve em diversas escalas. A Figura 39, apresentada a seguir, mostra a barraca de frutas adquirida pelo Senhor Liomar:

¹⁹ Senhor Liomar, 43 anos, feirante há 25 anos. Entrevista concedida em outubro de 2018.

Figura 39 - Barraca de Frutas, CEASA, Vitória da Conquista, 2018.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

As memórias sobre a feira podem ser evocadas pelas lembranças e expressas pela oralidade. O respeito aos depoimentos e às narrativas que se evocam pelas lembranças e constituem a memória são importantes, pois quanto mais se entra em contato com o contexto histórico mais a pesquisa se aproxima do caminhar da pessoa no tempo e no espaço.

As mudanças espaciais, que ocorrem nas construções e nas integrações entre ambientes dentro das cidades, vão ocultando e desnudando, ao longo do tempo, diversas histórias, passagens, monumentos e lugares de vivências que ao serem modificados também ocultam e revelam as memórias individuais e coletivas. Por isso, “Ver, no cotidiano, um elemento de novidade e encontrar, no banal, a possibilidade do extraordinário, eis a chave para poder chegar às camadas mais profundas do palimpsesto” (PESAVENTO, 2004, p.29).

As cidades apresentam-se como um desafio no que tange as discussões sobre memória, história, espaço e tempo. A metáfora da cidade como um palimpsesto, discutida por Pesavento (2004), instiga o que a autora chama de “arqueologia do olhar”, enfatizando que a cidade apresenta muito mais coisas ocultas do que podemos ver de forma superficial.

3.2 Revelando as nuances da feira: narrativas, lugar e memória

*O olho vê,
a lembrança revê
e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.*

Manoel de Barros

As narrativas, as memórias coletivas e as vivências cotidianas são elementos fundamentais para a construção de uma ciência que consiga também interpretar o presente.

Somos a única espécie que tem o dom de iniciar uma fala com “Era uma vez...”. Esse dom de contar histórias, de narrar, de flunar entre sonhos e realidades é cada vez mais precioso à medida em que, como afirma Walter Benjamin, “[...] são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”, e com isso privam-se de “intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1994, p.1).

A narrativa, que nasce da tradição oral, se perde quando a arte de contar de novo se dissolve na desnecessidade de não estar presente e atento ao que se faz e ao que se escuta, pois “[...] quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido” (BENJAMIN, 1994, p.6) e este é o segredo da narrativa: no momento do seu nascimento ter a mesma autoridade da memória quando o sujeito se encontra na hora da morte.

Apesar da força da narrativa, a informação ou, pelo menos, a necessidade dela, chega para deixar a narrativa enfadonha, pois para compreender a narrativa é preciso rememorar, associar, questionar e compreender. Mas tudo isso é cansativo para muitos ouvintes e a “[...] cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes” (BENJAMIN, 1994, p.5). Para Benjamin, “[...] metade da arte narrativa está em evitar explicações” (1994, p.8) e, assim, o ouvinte fica livre para interpretar como quiser.

Ao tratar sobre as narrativas, o mesmo autor enfatiza que “[...] a arte de narrar está definindo porque a sabedoria está em extinção” (1994, p.3). Além disso, o autor afirma que toda narrativa requer um ouvinte que deve apresentar-se atento. Ao narrar coloca-se a mostra experiências, e falar de experiências é falar de sabedoria, do que foi vivido, sentido, do que foi apreendido e guardado na memória. Para a senhora Célia, que comercializa produtos orgânicos na feira da Ceasa, ao ser motivada a narrar sobre a importância da feira, ela diz: “A feira é muito

importante pra mim porque tanto eu trais como eu levo né?! Eu levo as coisas que eu não tenho pra minha casa! ”²⁰

Ao escutar a narrativa da senhora, no momento em que sua linguagem se manifesta investida de sabedoria e simplicidade, é perceptível a sua bagagem de saberes referentes à lida com a feira. Ao dizer sobre o que ela traz para a feira, faz um gesto de levantar a mão sobre os produtos orgânicos e sorri, enfatizando que ela mesma planta e colhe o que vende e quando não estão bons ela nem traz! Ao falar sobre o que ela leva da feira, faz novamente o gesto de volta com a mão, como se apontasse um outro lugar, onde ela mora.

Para a senhora Célia, trazer para a feira e levar da feira é algo que faz parte da sua vida, do seu cotidiano. A feira não ocupa só o lugar destinado à venda dos produtos, mas ocupa a vida, a casa, os fazeres dela no seu dia a dia. De fato, ela não leva somente o que precisa, como também leva a feira consigo e a traz de volta, toda semana. E quantos de nós, ao visitar a feira, não fazemos isso?! Quanto da feira trazemos em nós, com todas as cores, os cheiros, os sabores, as pessoas, os gestos, o lugar que carregamos na memória? E parafraseando Rosa, “Sertão: é dentro da gente” (ROSA, 1994, p. 436), a feira, também é dentro da gente!

Assim como para a senhora Celia, que leva e traz produtos para si, sem as narrativas e a memória nos distanciamos de levar e trazer, de intercambiar experiências, de contar e ouvir; sem as narrativas nos distanciamos de pensar, de interpretar e de nos surpreender; sem as narrativas e as memórias nos distanciamos do lugar e não podemos compreendê-lo em sua completude.

²⁰ Senhora Célia, 40 anos, feirante há 20 anos. Entrevista concedida em outubro de 2018.

A FEIRA: LUGAR DE SABERES E FAZERES



As coisas mudam no devagar depressa do tempo.

Guimarães Rosa

4 A FEIRA: LUGAR DE SABERES E FAZERES

*Segunda-feira tem feira na esquina
Se apressa menina que vamos pra lá
Na quarta-feira tem feira, senhora
Olha, não demora, que vai acabar.*

Rita Rameh e Luiz Waack

A feira livre é um espaço em que no dia a dia os costumes criados são reforçados, os traços culturais construídos, os valores e as tradições repassados e, com isso, essa multiplicidade possibilita a construção da memória dos sujeitos sociais.

O cuidado ao selecionar os alimentos faz parte do trabalho e da tradição na feira; organizá-los, arrumá-los em pacotes, bacias ou agrupá-los para que possam ser vistos, cheirados, tocados e apreciados pelos fregueses é o que estabelece as relações de sociabilidade e, entre os saberes que se propagam e se firmam, configura-se uma estética bem particular que vai construindo as vivências e o cotidiano de cada sujeito, constituindo a história e a memória do lugar. Todo esse processo cria redes de apoio entre os feirantes e fortalece os vínculos sociais que, de acordo com Menezes, significam a criação de

[...] redes de sociabilidade, constituem recursos utilizados envolvendo atributos, intencionalmente apresentando-se como uma estratégia de trabalho, de reciprocidade, de produção, de proximidade. As redes constituem, pois, em uma relação primária estratégica cotidiana constituída pelos atores sociais, que atuam como emissores ou receptores; os vínculos ou elementos relacionais atuantes estão permeados dos aspectos simbólicos, éticos e consistem em fortes atributos nas relações econômicas (MENEZES, 2009, p, 165)

Os laços que ligam o passado e o futuro são ativados pelo conjunto de práticas que transitam entre os sujeitos sociais que ocupam o espaço da feira. Entre estas práticas estão as histórias contadas em torno do produto, a cultura que o abarca, o sabor, o gosto, as pessoas envolvidas no processo de produção até o consumo do alimento.

Em Vitória da Conquista é possível perceber como a presença da mandioca é relevante na feira, desde a sua comercialização *in natura* até a fabricação de diversos produtos que a utilizam como base. A mandioca, por exemplo, passa pelo processo de moagem, vai ao fogo para ser torrada até se transformar em farinha e gomas que são utilizadas no preparo de alimentos como doces, bolos, caldos, beijus e biscoitos.

As Figuras 40 e 41, apresentadas a seguir, expressam um pouco dessa tradição presente na feira por meio da forma como este produto é apresentado ao consumidor. A Figura 40 apresenta uma fotografia feita em 1978 e a Figura 41 apresenta uma fotografia feita em 2014, ambas feitas em feiras da cidade de Vitória da Conquista em períodos históricos diferentes, mas com os produtos expostos de forma que se assemelham muito, em montes agrupados, amarrados ou não, para que seja vendido aos fregueses.

Figura 40 - Disposição de raízes de mandioca na Feira de Vitória da Conquista, 1978.



Fonte: Acervo do Arquivo Público Municipal, 2014

A imagem expressa pela fotografia revela um pouco da dinâmica da feira, com as pessoas que circulam com sacolas e negociam os produtos com o enquadramento fotográfico para o vendedor de mandioca e para a exposição desses produtos de forma agrupada, em montinhos amarrados, o que faz com que os fregueses tenham acesso ao produto. Não muito

diferente dessa imagem, a Figura 41 mostra um vendedor de mandioca também expondo seus produtos de forma selecionada aos fregueses.

Figura 41 - Vendedor de mandioca na Feira do Bairro Brasil, Vitória da Conquista, 2018.



Fonte: Acervo pessoal, 2014

O cuidado que o vendedor proporciona à raiz da mandioca, ou macaxeira, ao selecioná-la e organizá-la em pequenos montinhos para ser vendida demonstra um saber fazer que possibilita ao alimento assumir um lugar de destaque entre as barracas fazendo com que chame a atenção dos fregueses. Este movimento representa uma tradição na venda do produto, e como afirma Cruz, tradições

São referências passadas que, de algum modo, organizam o presente. Para estar viva, a tradição precisa obter na atualidade sua significação, pois é na ancoragem com o presente que ela adquire sua força, fazendo com que a tradição seja geradora de continuidade. A tradição remete a coletividade não apenas a compartilhamento e transmissão, mas como forma de organizar a memória coletiva (CRUZ, 2017,p.188).

A forma como os feirantes organizam os produtos, representados nas figuras, está diretamente relacionada com a forma de saber fazer, presente nesse compartilhamento de conhecimentos. A mandioca também é comercializada de outras formas, como demonstrado na Figura 42.

Figura 42 - Mandioca comercializada na feira da Ceasa, Vitória da Conquista – 2018.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Essa forma de apresentação do alimento cortado, limpo, embalado e exposto para a venda, já em quantidades determinadas, apresenta-se como uma ressignificação da comercialização do mesmo produto que atrai bastante os fregueses, pois facilita o transporte, o manuseio e o preparo.

Geralmente, a mandioca que chega à feira para ser comercializada o que é resultante de encomendas vindas de povoados na área rural da cidade, a exemplo do povoado de Capinal, que produz mandioca e abastece boa parte dos feirantes na Ceasa. Na feira também é possível encontrar goma e farinhas que são processadas da mandioca, como mostram as Figuras 43 e 44.

Figuras 43 e 44 - Derivados da Mandioca, feira do bairro Brasil, Vitória da Conquista, 2018.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Os fregueses podem acompanhar o processo de peneirar a farinha de goma para produzir beiju e ter acesso à goma e à farinha que estão sendo produzidas. Este é um processo artesanal que caracteriza uma maneira de saber fazer, e que algumas pessoas fazem em casa. Observa-se, na Figura 45, que também há diversos tipos de farinhas que chegam às barracas já peneiradas e prontas para serem comercializadas.

Figura 45 – Diversos tipos de farinha sendo comercializados na feira da Ceasa em Vitória da Conquista, 2018.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018

As gomas são utilizadas para a fabricação de biscoitos, pães, bolos e beiju que formam uma rede de produtos produzidos a partir da mesma matriz que é a mandioca. Os biscoitos na

feira são elementos que merecem destaque, pois fazem parte do cotidiano conquistense. Eles podem ser encontrados em diversos tamanhos, formas, cores, sabores e texturas, como mostra a Figura 46.

Figura 46 - Biscoitos na feira, Vitória da Conquista, 2018.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

A variedade de biscoitos produzidos por meio da mandioca atrai compradores de diversos lugares, formando não só um polo de comércio com outras regiões que gera emprego e renda para inúmeras famílias, mas também um lugar de interação e trocas sociais.

Toda essa dinâmica que envolve a produção de diferentes tipos de biscoitos a partir da mandioca tem se diversificado com essa interação estabelecida entre os fregueses e, nessa relação, novas demandas aparecem e os fregueses vão indicando as novidades nos sabores, incorporando ao lugar novas formas de fazer.

As encomendas de biscoitos costumam chegar à feira durante os dias da semana que tem menor movimento de fregueses, como mostram as Figuras 47 e 48.

Figuras 47 e 48 - Carregamento de Biscoitos na Feira da Ceasa, Vitória da Conquista, 2018.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Os biscoitos chegam bem cedo para serem descarregados para não atrapalhar o trânsito no local e para que os feirantes tenham tempo de embalar os produtos e separar as encomendas que são feitas pelos fregueses na feira da Ceasa antes do sábado, dia mais movimentado na feira. Essas encomendas feitas pelos feirantes também são redistribuídas para outras feiras durante a semana.

Alguns desses produtos são prontamente oferecidos para degustação, prática comum na feira entre feirantes e fregueses que afeta diretamente as relações de proximidade entre eles. De acordo com Almeida,

Ao eleger a feira livre para realizar suas compras, os fregueses evidenciam elementos que vão a princípio de uma razão prática do consumo a um menor custo até aos aspectos simbólicos que envolvem seus gestos de compra – a alquimia que se processará em suas cozinhas ao preparar os alimentos para serem ingeridos, o frescor, a pureza e as características dos gêneros adquiridos (ALMEIDA, 2009, p.45).

Ao escolher um local para fazer suas compras os fregueses preferem a feira por diversos motivos, tais como as relações de amizade, o preço mais acessível, os produtos de maior qualidade, o fato de poderem experimentar os produtos e ainda confiar nos feirantes. Além disso, o uso das novas tecnologias, principalmente as redes sociais, tem motivado os fregueses a terem maior contato com os feirantes, o que melhora o atendimento e a comercialização dos produtos.

Em entrevista com a Senhora Adelaide, moradora de Vitória da Conquista e frequentadora da Feira da Ceasa há mais de 20 anos, foi possível compreender como o uso de

algumas tecnologias tem afetado as relações entre os feirantes e fregueses na comercialização dos alimentos. Ela fala um pouco sobre como realiza as compras na feira:

Durante a semana eu vejo o que tá faltando em casa, quando não dá tempo de passar pra comprar eu ligo e peço pra guardar pra mim. Aí eu passo no sábado e já tá certo, pego meus biscoitos, minha carne, meus ovos caipiras e termino de fazer a feira. Assim fica mais fácil, porque quando não tinha o telefone nem o zap eu chegava e num tinha mais, aí era só na barraca que eu já conhecia. Aí era o jeito pegar em outra barraca, mas não era a mesma coisa.²¹

O que a senhora Adelaide faz é realizar uma encomenda do que precisa com o feirante antes de chegar à feira, para depois finalizar a compra e o pagamento. A frequência da freguesa e a relação de confiança que se estabelece a casa encomenda, faz com que os feirantes tenham certeza do pagamento da compra.

Sem o uso do telefone ou de uma rede social para fazer sua encomenda e garantir seu produto a freguesa fica à mercê da sorte, sem saber se teria tempo de chegar à barraca e encontrar o que deseja, o que poderia colocar em risco a sua frequência na barraca e a relação de confiança com o feirante.

Seja na compra ou na venda dos produtos, essa prática também está relacionada aos saberes e fazeres que permanecem, mas ao adaptar-se à nova realidade comercial com o uso da tecnologia na feira, os feirantes e fregueses também passam por uma ressignificação nas relações sobre as artes de saber fazer. Sobre essa questão, Almeida enfatiza:

As relações de produção e consumo, ensino-aprendizagem das quais as feiras populares são palco formatam um lócus genuinamente educativo, visto que se constituem em territórios consagrados às negociações, saberes, dizeres, encontros sociais e outras relações que delimitam um espaço repleto de ações e ideias (ALMEIDA, 2009, p. 63).

A efervescência dessas ações e ideias apontadas por Almeida fazem da feira lugar de aprender, de compartilhar, de ressignificar as formas de fazer em um processo ativo, movente e cotidiano, e ainda se constituem como um espaço funcional, pois representam formação social e econômica que agregam uma parcela considerável de relações comerciais que dão vazão ao circuito inferior da economia na cidade.

²¹ Senhora Adelaide, 48 anos, freguesa há 30 anos. Entrevista realizada em fevereiro de 2018.

4.1 Estratégias e táticas no lugar feira

*O passado não reconhece o seu lugar:
está sempre presente...*

Mario Quintana

A experiência de compartilhar a feira é sentida por meio dos cheiros, dos gestos, da audição e das percepções apresentadas pelo lugar àqueles que por ele circulam. É a experiência que faz cada sujeito social vivenciar o lugar, que se modifica pelas marcas das diversas trajetórias que se intersectam.

Tal vivência ocorre entre articulações nos olhares, nas falas, nos gestos e nos fazeres e saberes. Uma ligação permeada de confiança e de entrega, presente no momento da comercialização de produtos, como o ato do feirante oferecer ao freguês a oportunidade de experimentar o sabor de uma fruta, ainda que este não goste e não compre.

Desse modo, a feira apresenta-se ao mesmo tempo fechada em si mesma e aberta como lugar de multiplicidade de relações que se manifestam na medida em que os saberes e fazeres se incorporam no cotidiano. Como compreende Silva,

É no lugar que se tem dinamicidade, ocorre à experiência vivida, cheia de conteúdos, onde se faz e refaz o cotidiano, onde acontece a reprodução da vida. (privada, lazer, trabalho). Diante da unicidade aparente, falseia-se o peso do lugar, espaço privilegiado das manifestações, das solidariedades, do cotidiano. Reconhece que é no lugar que a vida se realiza em todas suas dimensões (SILVA, 2007, p.6).

A feira é este lugar de vivência, de memória, de saberes e fazeres que se agregam ao dia a dia com todas as suas contradições e ao mesmo tempo apresenta-se descompromissada com o peso dogmático da estrutura socioeconômica, que se torna um pouco mais leve, mais solta, livre de amarras, abrindo espaço para manifestações culturais e outras formas de comercialização, como o uso de medidas como bacias, latas, copos, potes, redinhas e saquinhos.

Na feira nem tudo é levado à balança para ser vendido de acordo com o peso como nos supermercados. Na feira há diferentes formas de acondicionar os alimentos para vendê-los. O feirante pode escolher priorizar a quantidade de unidades para vender em bacias, ou escolher pelo peso do produto, para vendê-lo em redinhas.

Existem também as maneiras que os feirantes encontram de se destacarem em meio as diversidades na feira, caracterizadas como estratégias, que, para Certeau, apresentam-se como formas de “[...] circunscrever um próprio num mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do

Outro” (CERTEAU, 2013, p.93). Essas estratégias de venda podem ser referenciadas nas Figuras 49 e 50.

Figuras 49 e 50 – Legumes expostos na Feira do Bairro Brasil em Vitória da Conquista, 2018.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

As formas como são dispostos os legumes demonstram uma ressignificação nas artes de fazer associadas às estratégias encontradas para se destacarem em meio a outras barracas. Assim como o vendedor de mandioca cortada ou armazenada em pequenas porções, os feirantes responsáveis pelos legumes também encontraram suas formas de fazer.

Figura 51 e 52 - Legumes e verduras cortados e embalados, na feira da Patagônia, 2018.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

Um elemento interessante a ser lembrado é que o freguês pode escolher entre o alimento cortado e embalado e o alimento inteiro sem corte e, mesmo assim, pagar o mesmo valor pelo produto. O que configura como mais uma estratégia utilizada pelos feirantes, pois eles não agregam valor ao produto que passou por um processo de corte e embalagem. É o que eles normalmente chamam de agrado ao freguês.

Muitas vezes as formas de saber são subestimadas por serem desconhecidas, tomando a afirmação de Pocock sobre a personalidade dos lugares e das relações, pois essas formas

[...] são complexas e mudam segundo os que percebem. Existe um evidente contraste entre aquele que percebe como visitante, que observa - que vê a cena superficialmente (sight-seeing) - e aquele que está 'em casa' e que experimenta o lugar. (POCOCK apud HOLZER, 1998, p. 342).

Como afirma o estudioso, há diferença substancial entre visitar uma feira e observá-la de fora e estar nela, fazer parte da sua construção e desconstrução semanal. Isso implica em se acostumar com o cotidiano, com as rotinas diárias e alguns elementos apresentam-se tão

enraizados aos fazeres e saberes que a distinção da originalidade do que se faz fica comprometida.

Entre as diferentes formas de fazer e usos das estratégias ou táticas de consumo, estão as artes de saber que partem de elementos relacionados a tradição no manuseio e consumo de alimentos. As Figuras 53 e 54, apresentadas a seguir, expressam algumas das formas de saber fazer presentes na feira.

Figuras 53 e 54 – Saberes e fazeres na Feira do Bairro Brasil em Vitória da Conquista, 2018.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

Os saberes e fazeres que podem ser vivenciados estão associados ao cotidiano do lugar de tal forma que o ato de cortar legumes ou debulhar feijão torna-se parte do dia a dia na feira. Ao mesmo tempo em que se conversa com o freguês, desenvolve-se esses fazeres. A agilidade em manusear a faca ao cortar os legumes ou vegetais reflete exatamente a habilidade alcançada com a prática, com o tempo desprendido nessa atividade.

As feirantes nas Figuras 55 e 56 não se disponibilizaram à entrevista, mas sorriram para a fotografia e mostraram-se habilidosas para a câmera, se sentindo valorizadas pelo trabalho realizado. Muitas vezes os fregueses são atraídos exatamente pela apreciação desses fazeres no momento da compra dos produtos.

Figuras 55 e 56 – Feirantes cortando verduras na Feira do Bairro Brasil, 2018.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

A simplicidade presente na forma como os alimentos são manuseados torna-se um atrativo aos olhos de quem passa pela feira e vivencia o lugar, uma vez que a habilidade no uso da faca ou somente no uso das mãos para manusear o alimento evidencia uma história do aprender, uma arte de saber fazer. Como afirma Pompeu:

A feira livre, para além das trocas comerciais e de ser um espaço típico para a circulação de mercadorias e da própria economia de um país, tornou-se um lugar em que se desabrocham relações sociais e histórias que são construídas e modificadas de acordo com a realidade dos sujeitos envolvidos – feirantes, ambulantes e fregueses (POMPEU, 2015, p.2-3).

O envolvimento dos feirantes, fregueses ou ambulantes dá vida à feira e instiga o olhar sobre ela; o movimento, a linguagem utilizada, os olhares de assentimento ou não, evidenciam a dinamicidade do lugar e fazem com que apresentem elementos como as rugosidades que aguçam a curiosidade, pois são conhecimentos que fazem parte do cotidiano do lugar.

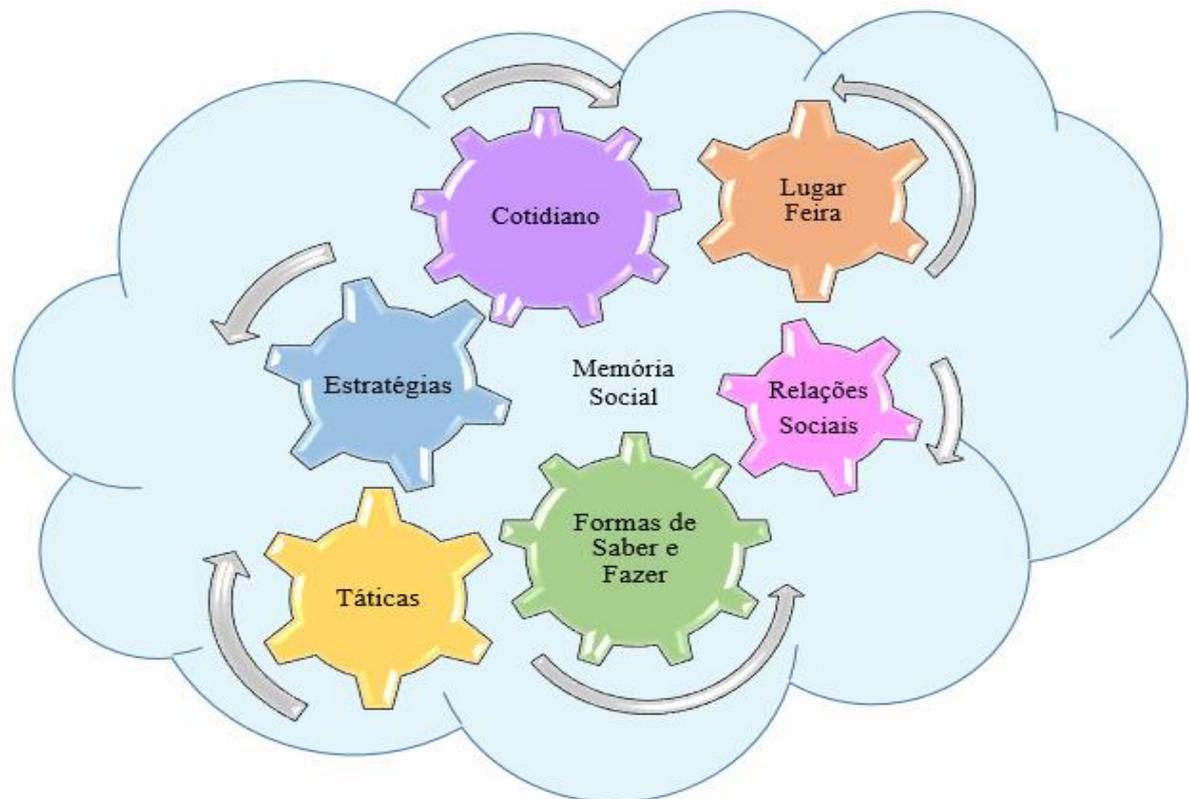
Esses lugares de ordem e desordem, frutos da configuração socioespacial, são fundamentais para a construção das identidades individuais e coletivas que se constroem entre vivências e narrativas. Nesse sentido, Relph apud Ferreira enfatiza:

Uma relação profunda com os lugares é tão necessária e talvez tão inevitável, quanto uma relação próxima com as pessoas, sem tais relações a existência humana, embora possível, fica desprovida de grande parte de seu significado. (RELPH, 1980, *apud*. FERREIRA, 2000, p. 68)

Na afirmação de Relph pode-se destacar a importância dessa relação profunda com os lugares, característica marcante nos estudos do autor, porque para ele os estudos sobre lugar devem levar em consideração as subjetividades e entre elas, estão as relações pessoais e as relações com o próprio lugar. Essas subjetividades fazem com que cada lugar se diferencie do outro e apresente uma dinamicidade própria, o que faz de uma determinada área ser um lugar.

O compartilhamento de fazeres, saberes, formas de dizer, formas de produzir, consumir e comercializar na feira, atua com afeto na construção de conhecimentos que estão em constante processo de ressignificação, que fortalecem cotidianamente as relações de sociabilidade como sintetiza a Figura 57:

Figura 57 - Relações de construção da memória social no lugar feira, 2019.



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

A figura realça as relações presentes nas feiras, especificamente as feiras pesquisadas. As engrenagens, pretendem a ideia de movimento e circulação, em que não há um elemento distinto que dá início a esse processo de movimento. Dentro desse quadro de memória social as relações se movimentam e giram as engrenagens das formas de saber e fazer que, por sua vez, movimentam as estratégias e táticas e, assim, movimentam o lugar e criam vivências e experiências que constroem os quadros de memória social.

No que se refere as artes de fazer, Certeau define:

Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (...) ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e a ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade (CERTEAU, 2013, p. 93)

As estratégias utilizadas pelos feirantes com base na afirmação de Certeau referem-se ao uso de formas de fazer que se destacam de outros feirantes para que sua mercadoria seja vista de forma diferente pelos fregueses que se aproximam para uma negociação. A estratégia de utilizar bacias, para expor as frutas ou legumes chama a atenção, assim como arrumar os produtos em montinhos ou empilhá-los ou, ainda, acondicionar em embalagens que estejam prontas para o transporte.

Figura 58 – Feirantes vendendo legumes, feira do Bairro Brasil, Vitória da Conquista, 2018.



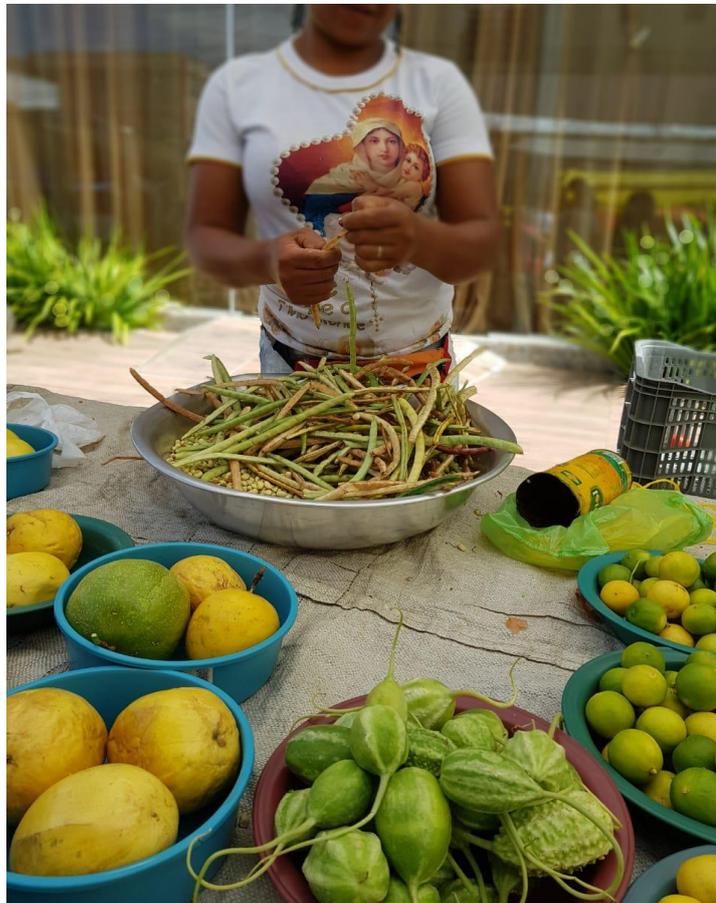
Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

Essa variedade de formas de expor e comercializar os produtos é interessante, pois também se caracteriza como uma arte de fazer. As estratégias vestem-se de observação e astúcia para serem formuladas e aplicadas. Quando começam a apresentar resultados, ou seja, quando os feirantes passam a chamar a atenção para seus produtos devido a forma de fazer diferenciada,

influenciados pelo uso de estratégias de outros feirantes, começam a copiar a estratégia, gerando um processo de novas demandas para o saber fazer.

Outra questão relacionada ao uso de estratégias na feira se refere as formas de medir os produtos que juntamente pode ser observado na Figura 59.

Figura 59 – Feirante com barraca de andu e legumes na feira do Bairro Brasil, 2018.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

Observa-se que há duas unidades de medidas distintas em uma só barraca. Para cada produto a feirante utiliza uma forma de medir: a bacia, que normalmente os feirantes utilizam para acomodar os produtos maiores e a lata de óleo vazia, que também é utilizada como medida para o andu ou feijão verde.

A lata de óleo (alumínio) é uma das formas de medir mais recorrentes na feira, pois é de fácil acesso e já faz parte da tradição popular, como apresentado nas Figuras 60 e 61.

Figuras 60 e 61 - Uso da lata para medir, Feira do Bairro Brasil, 2019.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

O que se observa sobre as estratégias de fazer é a permanência no uso da lata de alumínio, para efetuar a medida dos produtos, que é tão recorrente e significativo que gerou um processo de fabricação de latas especialmente para esta finalidade.

Quando perguntado ao vendedor de umbu, Senhor Pablo, porque ele utiliza a lata de alumínio, ele responde:

Antes era usado umas caixas feitas de madeira, aí o povo começou a usar a lata e ficou. É mais fácil né?! E mais leve de carregar. Aí a gente enche e ainda coloca passando assim oh! (ele mostra com a mão como faz na venda). Agora hoje tá difícil achar óleo pra pegar a lata (risos). Não tem mais não, aí um rapaz lá no Ceasa começou a fazer umas latas de alumínio igual essa aqui, aí ele faz e vende no lugar da lata de óleo.²²

²² Senhor Pablo, 23 anos, feirante há 3 anos. Entrevista concedida em outubro de 2018.

A medida por meio das latas tornou-se uma estratégia com significação expressiva e criou novas formas de fazer, como a fabricação das latas, pois encontrar latas de óleo para serem reutilizadas tornou-se raro.

Contudo, na Figura 62 observa-se uma garrafa pet cortada e sendo utilizada como medidor. Ao utilizar esse tipo de garrafa cortada para medir o feijão o feirante usa de uma estratégia para chamar a atenção do freguês, diferente da lata, pois a garrafa pet possui um formato diferente, um pouco mais larga, dando a impressão de que há uma maior quantidade de produto e, nesse caso, a estratégia é fazer com que o freguês pense que recebe maior quantidade de produto ao comprar em um vendedor que a utilize.

Figura 62 – Vendedor utilizando garrafa pet como medidor na feira do Bairro Brasil, 2019.



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

A ressignificação da forma de medir está presente no cotidiano do lugar, a lata de alumínio, ora tão significativa ao ponto de ser fabricada artesanalmente para que não fosse

substituída como forma de medir, passa agora por um processo de ressignificação pelo uso de uma nova estratégia aplicada pelos feirantes.

Outra forma de medir os produtos é a utilização de copos que podem ser de alumínio, de plástico, ou de vidro, a depender do feirante e do produto. Nesse caso, para medir as pimentas, como observa-se na Figura 63, a feirante utilizou os copos plásticos. A estratégia de copos transparentes como medidores, utilizada pela feirante, faz com que o produto se destaque esteticamente e chame a atenção do freguês.

Figura 63 – Copos como formas de medir na feira do bairro Brasil, 2018.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

Já a Figura 64 mostra que a forma de medir também se dá com o uso de potinhos transparentes com tampa, assim os produtos são vendidos em embalagens que podem ser utilizadas para acondicionar os produtos sem que seja necessário a mudança para outro recipiente.

Figura 64 – Potes como formas de medir na feira do bairro Brasil, 2018.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

Além dos copos e potes usados como estratégia para medir e acondicionar os alimentos, na Figura 65 pode ser observado o uso das redinhas, saquinhos e bacias.

Figura 65 - Uso de bacias, redes e sacos plásticos para acondicionar alimentos, 2018.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

As estratégias de destaque dos produtos como formas de saber e de fazer se distribuem pelas barracas e se espalham pelo chão das feiras a medida que se torna necessário a exposição dos produtos para a venda, o que atribui, ao lugar, um caráter de constante resignificação e movimento. Como afirma Giometti,

O lugar como experiência caracteriza-se principalmente pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao ambiente. [...] é resultado de significados construídos pela experiência, ou seja, trata-se de referenciais afetivos desenvolvidos ao longo de nossas vidas. (GIOMETTI, 2012, p. 15)

Entre os referenciais construídos ou desenvolvidos pela experiência ao longo da vida, estão entre as formas de saber e fazer as táticas utilizadas pelos feirantes. Cada lugar é composto por táticas que se fazem nas vivências e no cotidiano. Uma tática que pode parecer extremamente eficiente e pertinente, em um determinado lugar, pode não ser bem aceita e aplicável em outro. As relações que se estabelecem na convivência e nos fazeres e saberes ditam, criam e moldam as táticas, assim como as estratégias, e produzem características específicas em cada lugar.

As táticas, diferente das estratégias, são práticas aplicadas pelos feirantes aos fregueses. Certeau define:

Chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio [...]. Ela opera golpe a golpe, lance por lance. Aproveita as 'ocasiões' e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante. (CERTEAU, 2013, p. 94-95).

As táticas são empregadas pelo feirante quando o freguês se aproxima para apreciar o produto que está sendo comercializado. Neste momento, a tática pode se apresentar de diversas formas, como anunciar um desconto sobre a mercadoria, usar expressões que valorizem o produto, chamar a atenção do freguês com algum gesto ou ainda oferecer o produto para ser experimentado.

Ao acompanhar as compras da Senhora Adelaide em algumas barracas na feira da Ceasa, foi possível identificar, entre os saberes e fazeres, as táticas aplicadas. Um dos momentos registrados foi quando uma das feirantes lhe oferece biscoitos para provar antes da compra, como se observa na Figura 66.

Figura 66 – Vendedora oferecendo biscoitos na Feira da Ceasa, Vitória da Conquista, 2018.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

A experiência vivenciada e registrada na fotografia poderia ser identificada, segundo Almeida, como “golpes ou táticas que produzem uma arte de fazer” (ALMEIDA, 2009, p. 64). Ao oferecer o biscoito para experimentar, a feirante estabelece uma forma simbólica de comunicação e estreita laços de proximidade, como uma forma de seduzir a freguesa na compra do seu produto.

Para Certeau, “[...] as táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos sucessivos de um ‘golpe’” (CERTEAU, 2013, p.96). Esse envolvimento promovido pelo uso da tática muitas vezes gera um espanto promissor, como um sorriso, uma expressão de contentamento, ou um gole de afeto, e faz com que a freguesa volte a comprar naquela barraca, com a mesma feirante e ainda divulgue a barraca entre seus familiares e conhecidos. Com o tempo, o vínculo afetivo torna-se amizade, e no caso da Senhora Adelaide, conforme constatamos, perdura por anos.

O fato de estar somente observando o envolvimento da Senhora Adelaide com a feirante não a inibiu de aplicar, em mim, sua tática de experimentação. Com afeto, me ofereceu um biscoito caseiro e entendendo o “golpe”, prontamente aceitei (Figura 67).

Figura 67 – Pesquisadora provando biscoitos na feira, Vitória da Conquista, 2018.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

O ato de experimentar deixou a feirante mais confortável e segura para perguntar espontaneamente o que eu levaria e sem, argumentos para negar algo, comprei seus biscoitos e o “golpe” deu certo!

Outro exemplo de tática aplicada na mesma feira por um vendedor de queijos foi oferecer a uma freguesa um pedaço de requeijão para que ela experimentasse e, sem restrições, a freguesa aceita e prontamente pede ao feirante que separe para ela uma determinada quantidade, como mostra a Figura 68 a seguir.

Figura 68 - Freguesa provando queijo na Feira da Ceasa, Vitória da Conquista, 2018.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

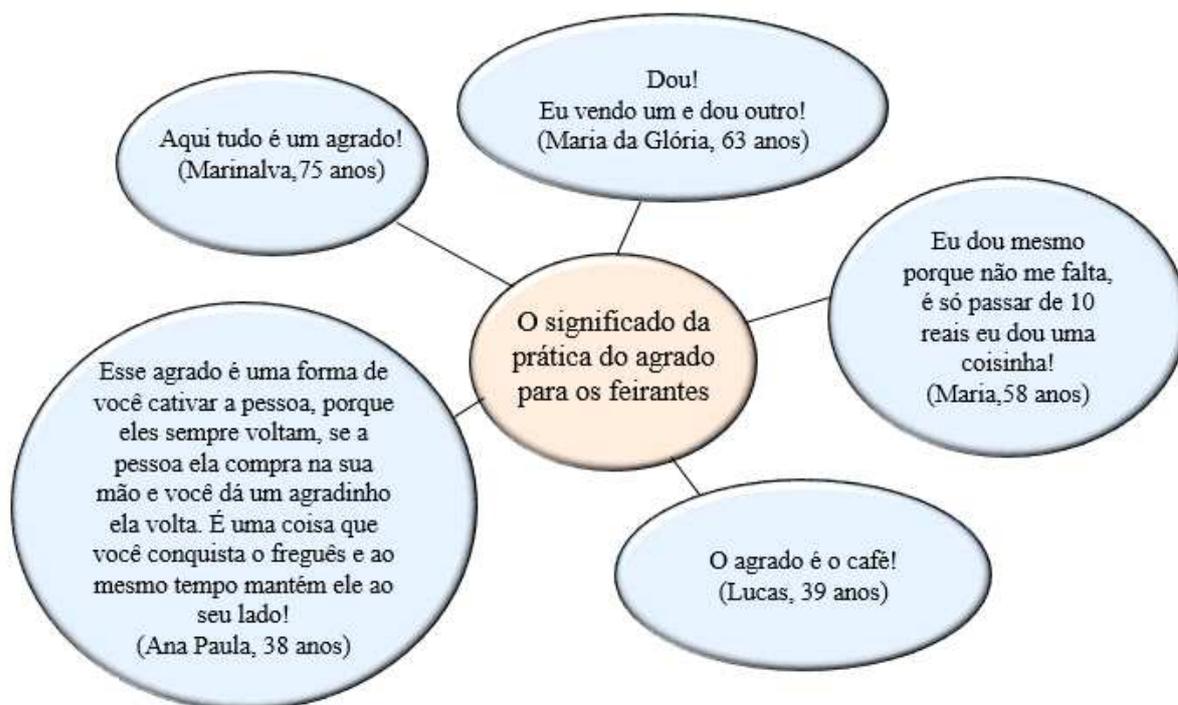
Todas essas táticas utilizadas pelos feirantes e muitas vezes consentidas pelos fregueses compõem a dinâmica do lugar. Essas práticas conceituadas como estratégias ou táticas constituem os saberes e fazeres e reforçam a relevância da presença das feiras na cidade.

Existe outra prática presente na feira, que dificilmente se percebe em outras formas de comércio, e apresenta-se tanto como uma tática como uma estratégia a depender do ponto de vista de quem observa o lugar. É a prática do agrado.

O agrado é aquele ato de dar algo a mais após a venda, uma quantidade além do que seria devido do produto, ou outro produto que o freguês possa escolher. O agrado pode ser caracterizado como uma estratégia de venda ou como uma tática, um golpe de afeto, para conquistar o freguês.

Ao observar a feira, em diversos momentos, foi possível perceber como essa prática se apresenta com força; independentemente dos produtos comercializados, há sempre um feirante pronto a aplicar o saber fazer relacionado ao agrado. Na figura 69 podemos observar como os feirantes entendem essa prática.

Figura 69 – O significado da prática do agrado para os feirantes, 2018.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

A prática do agrado faz do lugar feira também lugar de afeto, de confiança. Para além de alimentos, produtos artesanais ou industrializados, as feiras abrigam cheiros, sons, sabores, elementos simbólicos e linguagens; “[...] o lugar é onde estão os homens juntos, sentindo, vivendo, pensando, emocionando-se” (SANTOS apud ARROYO, 1996, p. 59) e, em concordância com Santos, as feiras são lugares de construção de memórias, de rememoração entre um sem números de vivências e experimentações, as feiras dão ao lugar o sentido de identidade e apropriação.



*Entre o sujeito que olha e a imagem que elabora
há muito mais que os olhos podem ver.*

Ana Maria Mauad

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*De que são feitos os dias?
– De pequenos desejos,
vagarosas saudades,
silenciosas lembranças...*

Cecília Meireles

As discussões que permeiam a abordagem do espaço tempo na Geografia, quando conectadas à categoria lugar, não poderiam deixar de fora o aporte teórico metodológico da memória social, pois a construção social do espaço está diretamente a ela relacionada.

Apesar de existirem diferentes vieses de estudo e concepções de lugar há autores que convergem a um ponto que tomam essa categoria como a que mantém uma maior relação de proximidade com a memória, porque caracteriza-se pela manifestação de identidades e representações essenciais para a produção do espaço geográfico.

O lugar é onde se processam ligações complexas no meio social como pertencimento, memória e ressignificações. Estas ligações, mesmo estando sujeitas a confirmação da fluidez das relações no espaço tempo líquido da contemporaneidade, imprimem no espaço tempo as permanências e ampliam as fronteiras da existência, assim não permitem o enfraquecimento do sentido de lugar.

O presente estudo teve como objetivo analisar os saberes e fazeres dos fregueses e feirantes para compreender como se constituem na construção da memória social do lugar feira em Vitória da Conquista. Para tanto, lugar, memória social e feira foram as categorias de análise que embasaram essa pesquisa.

As primeiras pesquisas de campo nas feiras evidenciaram que os saberes e fazeres estariam presentes desde de atividades meramente simples como as mais complexas dentro do lugar. Dessa forma, foram elencadas algumas práticas mais expressivas para serem analisadas, pois elas se destacaram como práticas específicas de saberes e fazeres, tais como o uso de bacias, copos e saquinhos como formas de acondicionar e vender os produtos, exposição de legumes e verduras já cortados e embalados para o consumo e aplicação de estratégias e táticas que levam em conta a linguagem do cotidiano do lugar.

O olhar sobre a feira instigou o entendimento do lugar como algo movente, lugar de experiências, vivências, onde os sentidos afloram a cada passo. Foi possível compreender que

as três feiras estudadas, apresentam inúmeros elementos semelhantes, como barracas, fregueses, feirantes, produtos, linguagem, relações, afetos, alegrias, cheiros, sabores, entre tantos outros elementos que constituem as feiras. No entanto, a pesquisa proporcionou o entendimento de que as feiras, mesmo com as semelhanças de umas com as outras, apresentam algo que não pode ser copiado, nem modificado, nem adequado a um outro lugar: a memória social.

A pesquisa também proporcionou o entendimento de que há uma diferença substancial entre visitar uma feira, observá-la de fora, e estar nela, em fazer parte da sua construção e desconstrução semanal. Fazer parte do que constitui o lugar feira implica em se acostumar com o cotidiano, com as rotinas diárias, com a linguagem, com as narrativas e com alguns elementos que se apresentam tão enraizados aos fazeres e saberes que fica imperceptível, para quem dela vive, compreender a distinção da originalidade do que se constrói semanalmente.

Por tudo isso, durante a realização deste estudo, foi possível compreender que as vivências e a relação entre sujeito e objeto em uma pesquisa proporcionam uma interpretação da experiência na essência e no sentido que uma significação possa produzir num lugar.

Com o estudo sobre as práticas aplicadas e vivenciadas nas feiras, foi possível compreender que a memória social presente em cada um dos lugares se constitui de saberes e fazeres apreendidos em quadros sociais da memória que vão desde a infância dos sujeitos sociais a aprendizagens com avós ou parentes distantes que foram vivenciadas em tantos outros lugares, e que chegam nos dias de hoje nas feiras, ressignificados ou não, compondo cada um desses lugares a sua maneira.

As três feiras estudadas apresentam os mesmos aspectos identificados e analisados de que os saberes e fazeres constroem a memória do lugar feira, mas essas memórias não são as mesmas, porque o lugar se diferencia em suas entranhas, em suas identidades e seus grupos de sociabilidade. Para Santos, “é o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o Mundo depende das virtualidades do Lugar” (SANTOS, 2005, p. 158). Sendo assim, a feira é este lugar de potencialidades, de *construto* da memória marcado por saberes e fazeres.

A memória social é um campo de estudos visitado por diversos pesquisadores e por várias disciplinas, por isso, o diálogo entre o pesquisador e o objeto de pesquisa permite um terreno produtivo para a fecundação dos estudos em geografia e memória.

Este estudo chega ao fim, não com o sentimento de não estar completo, mas com o sentimento de que diante das inúmeras possibilidades de análises que podem ser feitas na feira, sob o olhar da Geografia, da memória ou sob qualquer outro olhar da ciência, esta pesquisa fez

as escolhas que puderam ser contempladas no curto tempo de pesquisa. Assim, deixa passagens para que outros caminhos também possam ser percorridos, estudados e analisados e que entre a pesquisa e o *flanar* possam fecundar ainda mais os estudos da ciência geográfica.

5 REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Geografia**. Porto, Série I. v. XIV, 1998. Disponível em: < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1609.pdf>>. Acesso em 12 de ago. 2018.

ABREU, Regina. Memória social: itinerários poéticos-conceituais. **Morpheus**: revista de estudos interdisciplinares em memória social. Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016 (p. 41-66). Disponível em: < http://www.memoriasocial.pro.br/painel/pdf/publ_19.pdf> Acesso em 14 de ago. 2018.

ALMEIDA, Maria da Conceição. **Complexidade, Saberes Científicos, Saberes da Tradição**. Editora Livraria Científica. Rio Grande do Norte, 2010.

ALMEIDA, S. P. N. C. **Fazendo a feira**: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates - Montes Claros / Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, Minas Gerais, 2009.

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. Trajetória histórica conceitual sobre património imaterial e cultural no Brasil e em Portugal tendo as Feiras como lugar de investigação. XXVII Simpósio Nacional de História – **Conhecimento Histórico e Diálogo Social**. Rio Grande do Norte-Natal, 22 e 23 de Julho de 2013, p. 01-22. Disponível em: <<file:///C:/Users/Alberto/Desktop/MESTRADO%20GEOGRAFIA/feira%20patrimônio%20Brasil%20e%20Portugal.pdf>> Acesso em: Abril de 2017.

ARROYO, Mônica. A trama de um pensamento complexo: espaço banal, lugar e cotidiano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (org) **Ensaio de Geografia contemporânea**: Milton Santos obra revisitada. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 55-62.

BORGES, Jorge Luis. História das Noites In: **Obras completas**. Buenos Aires: EMECE, 1990.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221. Disponível em: < http://transcricoes.art.br/wp-content/uploads/2016/05/NC_-O-narrador-walter-benjamin-2.pdf>. Acesso em: 12 de ago. 2018.

CARLOS. Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CAVALCANTI, Helenilda. O desencontro do ser e do ter: a migração nordestina para São Paulo. **Observanordeste**, 2002. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7046.pdf>>. Acesso em: 20 de mai. 2018.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1 Artes de fazer, 20 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COSTA, Otávio. **Memória e paisagem**: em busca do simbólico dos lugares. Espaço e Cultura. UERJ, Rio de Janeiro> Edição comemorativa. 1993-2008. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/viewFile/6143/4415>. >. Acesso em: 12 de ago. 2018.

COSTA, F. F. dos S. O papel da feira livre do Alto Maron na reprodução do espaço urbano de Vitória da Conquista. In: **Vitória da Conquista no Século XXI: Reestruturação Urbana e mudanças em seu papel como cidade média**. Janio Santos (org). Vitória da Conquista: Edições UESB, 2016.

CRUZ, Fabiana Thomé da. (Org.). Valorização dos produtos alimentares tradicionais: os desafios de proteger a diversidade. In. **Estreitando o diálogo entre alimentos, tradição, cultura e consumo**. São Cristóvão: Editora UFS, 2017.

GIOMETTI, Analúcia Bueno dos Reis; PITTON, Sandra Elisa Contri; ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri . Leitura do Espaço Geográfico Através das Categorias: Lugar, **Paisagem e Território**. Conteúdos e didática de geografia. Volume 9 - D22 - Unesp/UNIVESP - 1a edição 2012.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. Fronteiras entre ciência e saberes locais: arquiteturas do pensamento utópico. In: Colóquio Internacional de Geocrítica, 9., 2007, Porto Alegre. **Los problemas del mundo actual: soluciones y alternativas desde la geografía y las ciencias sociales**. Barcelona: Ed. Universidad de Barcelona; Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.

HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, ano 11, nº3, jul./dez. 1997.

POCOCK, D.C.D. (1981): Place and the novelist. Transactions of the Institute of British Geographers N. S., (6), pp. 337-347. In: HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano IV, nº 7 p.67-78, jul./dez. 1999.

LIMA, A.E. F; SAMPAIO, J.L.F. Na feira a gente encontra de tudo...: Aspectos da formação espacial da feira livre de Abaiara – Ceará, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia – IFCE. Limoeiro do Norte – CE, 2008. **Anais eletrônicos: Universidade Federal Fluminense**, 2009. Disponível em: <<http://www.uff.br/vsinga/trabalhos/Trabalhos%20Completos/Anna%20Erika%20Ferreira%20Lima.pdf>> Acesso em: Outubro de 2017.

MASCARENHAS, Gilmar. **Feira livre**: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. p.72-87. Ateliê Geográfico. UFG – IESA, v.2, n.2. Goiânia, ,2008.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: Fotografia e história interfaces. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, vol.1, nº2, 1996, p.73-98.

MENDES, Geisa Flores e MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. Espaço e Memória: conexões e possibilidades pelo viés da categoria lugar. **Anais do XI Colóquio do Museu Pedagógico**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2015, p. 1121-1134. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/4995/4791>>. Acesso em 12 de ago. 2018.

MENDES, G. F.; OLIVEIRA, D.P.A.; TEIXEIRA, P.G.G.S.. Revisitar a memória, pensar o lugar: O mercado de Artesanato como lugar de memória em Vitória da Conquista – BA. Anais do XI Colóquio Nacional e IV Colóquio Internacional do Museu Pedagógico: **Crise, conflitos e conhecimento no mundo contemporâneo**. Vitória da Conquista: UESB, 2015. V.11. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/4984/4780>> Acesso em: Junho de 2016.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. **A força dos laços de proximidade na tradição e inovação no/do território sergipano das fabriquetas de queijo**. 2009. 360 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Núcleo de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2009.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. (Org.). Alimentos tradicionais como manifestação cultural na contemporaneidade. In. **Estreitando o diálogo entre alimentos, tradição, cultura e consumo**. São Cristóvão: Editora UFS, 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO. Maria Cecília de Souza. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, v. 10, 1993.

PESAVENTO. Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. **Esboços**, Florianópolis, n. 11. UFSC, 2004. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/334>>. Acesso em: 12 de ago. 2018.

VITÓRIA DA CONQUISTA. Site da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista. Disponível em: <<http://www.pmvc.ba.gov.br/>> Acesso em jan de 2019.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 10 de jul. 2018.

POMPEU, Daniel. FURTADO, Alex. MELO, Ellen. RODRIGUES, Isabella. NOBRE, Nadja. SILVA, Diva. **Deixe a Feira Livre**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXII Prêmio Expocom 2015 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação. Universidade de Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG.

RELF, Edward. 1980. In: FERREIRA, Luiz Felipe. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano V, n.9, p. 65-83. jul/dez. 2000. Disponível em: <<http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/095ferreira.pdf>> Acesso em: Novembro de 2016.

RELF, Edward.1976. In: MARANDOLA JR., Eduardo. **Identidade e autenticidade dos lugares**: o pensamento de Heidegger em Place and placelessness, de Edward Relph. Geosul, UFSC, 2013.

RIOS, Fabio. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. In: **Revista Intratextos**, 2013, vol. 5, nº1, p. 1-22. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102>> Acesso em Janeiro de 2019.

ROCHA, Altemar Amaral. **Análise socioambiental da Bacia do Rio Verruga e os processos da urbanização de Vitória da Conquista – Ba**. 2008. 179 p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Disponível em: <http://www.geociencias.ufpb.br/posgrad/dissertacoes/altemar_amaral.pdf> Acesso em: 04 de Junho de 2017.

ROCHA, Ana Luisa Carvalho da. Etnografia: Saberes e práticas. (Org.). In. **Ciências Humanas**: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

ROSA, J.G. **Grande Sertão-Veredas**. 33 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SÁ, Marcio. **Feirantes**: quem são e como administram seus negócios. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica.6ª ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

_____. **O Espaço Dividido**: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos. Milton Santos; tradução Myrna T. Rego Viana. – 2. ed., 1. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção.ed.2. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SANTOS, Sheila Castro dos, COQUEIRO, João Carlos Pereira. A Paisagem e o lugar percebidos pela memória. **Revista dos Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade - Igarapé** V.5, nº1, p. 175-190, Porto Velho (RO), 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/viewFile/2327/1985>> Acesso em: 12 de ago. 2018.

SILVA, Mary Anne Vieira. Cotidiano e Lugar: interpretações conceituais numa leitura geográfica para uma prática de ensino. Anais: II EDIPE II **Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino**. 04 a 06 de novembro de 2007 – Anápolis – GO. p. 6. Disponível em: <<http://www.ceped.ueg.br/anais/IIedipe/pdfs/cotidianoelugar.pdf>> Acesso em: Novembro de 2016.

SILVA, Vagner Alves da. Processo de territorialização dos comerciantes do bairro Brasil – Vitória da Conquista/BA. VII Seminário Internacional Dinâmica Territorial e Desenvolvimento Socioambiental: **Terra em Transe**. UCSAL, 2015.

TEIXEIRA, Patrícia Godoia Garcia de Souza. **Lugares de memória**: os mercados urbanos na cidade de Vitória da Conquista – Ba. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual de Sudoeste da Bahia – UESB, 2018.

TITTONI, J. OLIVEIRA, R. G. SILVA, P. M. TANIKADO, G. **A Fotografia na pesquisa acadêmica**: sobre visibilidades e possibilidades do conhecer. Informática na educação: teoria & prática. Porto Alegre, vol.13, n.1, p. 59-66, jan./jun. 2010.

VEDANA, V. **Fazer a feira**: estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

WILLE, Danielle; MENASCHE, Renata. O rural nas prateleiras do supermercado. In: **Saberes e sabores da colônia**: alimentação e cultura como abordagem para o estudo do rural [recurso eletrônico] / organizadora Renata Menasche. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015.

REFERÊNCIAS DAS OBRAS DE ARTE

CARIBÉ. Disponível em: <<http://www.espacoarte.com.br>> Acesso em maio de 2018.

LIMA, Gerson. Disponível em: < www.gersonlima.com> Acesso em maio de 2018.

MIGUEL, J. Xilogravura. Disponível em: <<https://bienalnaifs.sescsp.org.br/2014>> Acesso em maio de 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE I

ROTEIRO PARA ENTREVISTA - FEIRANTE

Nome: _____

Como gosta de ser chamado (a): _____

Idade: _____ Gênero: _____

Onde você mora, qual a sua origem? _____

Há quanto tempo você trabalha na feira? _____

Como (por que) começou a trabalhar na feira?

Qual a sua escolaridade? (Objetivo: Relacionar o grau de escolaridade com a atividade de feirante)

Ensino Fundamental – 1ª a 4ª série ()Completo ()Incompleto

Ensino Fundamental – 5ª a 8ª série ()Completo ()Incompleto

Ensino Médio – 1º ao 3º ano ()Completo ()Incompleto

Curso técnico ()Completo ()Incompleto

Especificar (curso Técnico): _____

Curso Superior ()Completo ()Incompleto

Pós-graduação ()Completo ()Incompleto

Quantos dias da semana você trabalha na feira?

Você tem outro trabalho além da feira? ()Sim () Não

Qual?

Perguntas relacionadas a narrativas e memórias

(Objetivo: identificar se há grupos... memória coletiva)

1 O que é a feira para você?

2 Qual a sua memória mais forte sobre a feira?

3 Você tem alguma relação mais próxima com algum feirante?

()sim ()Não

Relação de que tipo?

() familiar () amizade () outra _____

3 Você conhece alguma tradição da feira?

4 Você pratica alguma tradição? Ou você tem alguma tradição?

5 Você considera a feira importante? () sim () não

Para quem? Ou Por quê?

- 6 Você já tem os fregueses certos(as) para realizar suas vendas?
() Sim () Não
- 7 Como é a sua relação com os fregueses?
- 8 Você considera a feira um patrimônio?

Perguntas relacionadas aos significados da feira

(Objetivo: Identificar os condicionantes da longa existência da feira livre e a importância dessa feira na percepção de feirantes)

- 9 Quais produtos vc vende? Como os escolheu? De onde eles vêm? Com quem você trabalha na feira?
- 10 O que você faz com os produtos que sobram da feira da semana anterior?
(objetivo: compreender a dinâmica dos produtos)
- 11 Você considera a feira importante para o desenvolvimento da cidade?
() Sim () Não Por que?
- 12 Na sua opinião por que os fregueses escolhem a feira para fazer suas compras e não lugares mais espaçosos como lojas ou supermercados?
- 13 Quais os dias da semana de maior movimento?
- 14 Você gosta de trabalhar na feira?
- 15 Quais as maiores dificuldades de se trabalhar na feira?
- 16 Quais as maiores alegrias que você já teve na feira?
- 17 O que tem na feira que não tem em outro lugar?

APÊNDICE II
ROTEIRO PARA ENTREVISTA - FREGUESES

Entrevistado(a): Fregueses

Nome: _____

Como gosta de ser chamado (a): _____

Idade: _____ Gênero: _____

Onde você mora? _____

Há quanto tempo frequenta a feira? _____

Como (por que) começou a frequentar a feira?

Perguntas relacionadas a narrativas e memórias

1. O que a feira representa para você?
2. Qual a sua memória mais forte sobre a feira?
3. Você conhece alguma tradição da feira?
4. Você pratica alguma tradição? Ou você tem alguma tradição relacionada a feira?
5. Você considera a feira importante? () sim () não
Para quem? Ou Por quê?
6. Como é a sua relação com os feirantes?
7. Você acha que a feira é um patrimônio?
8. Você já tem os feirantes/bancas certos(as) para realizar suas compras?
() Sim () Não Quais são eles e por que os escolheu?
9. Você frequenta supermercados ou lojas além da feira?
10. O que tem na feira que não tem em outro lugar?